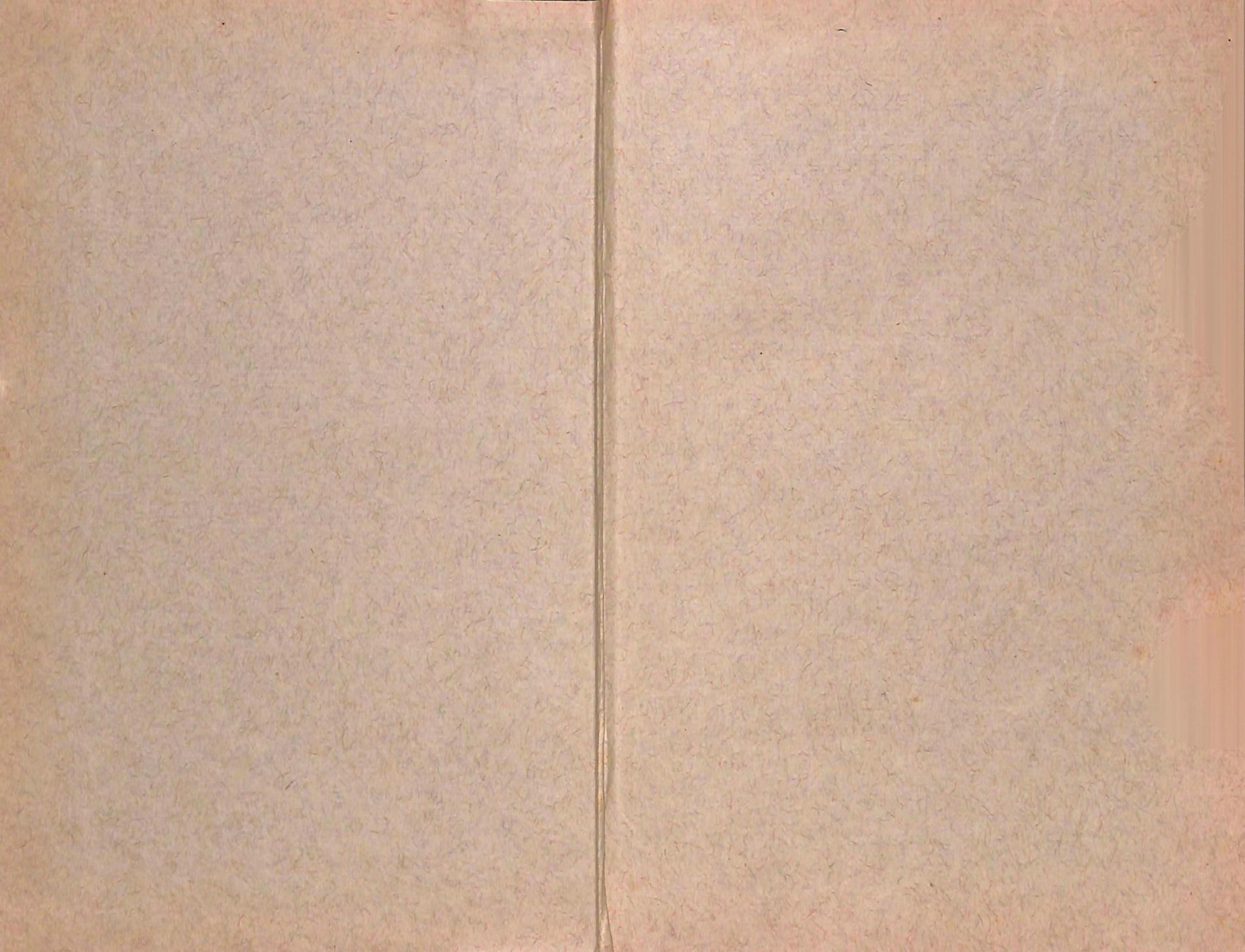


MOREIRA DE
VASCOS
CELLOS

A
DESCOBERTA
DO BRAZIL

1900

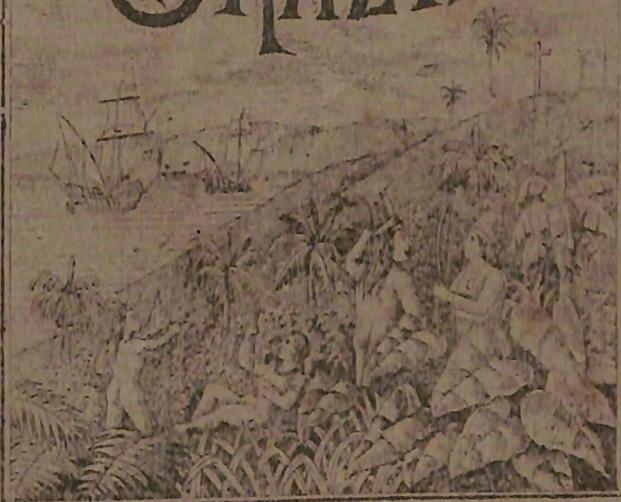




COMMEMORAÇÃO DO 4.º CENTENÁRIO
DO DESECOBRIMENTO DO BRAZIL

Moreira de Vasconcellos (F)

A DESCOBERTA
DO
BRAZIL



- Cu - caracter puro,
clara intelligencia - homenagem de
antiga estima

COMMEMORAÇÃO DO QUARTO CENTENARIO DO
DESCOBRIMENTO DO BRASIL

9-V-00

Moreira de Vasconcellos (A.)
A

Descoberta do Brazil

DRAMA EM 4 ACTOS

POR

Moreira de Vasconcellos (F)

✱

Obra premiada em concurso e mandada imprimir
pela commissão executiva
da commemoração do quarto centenario
do Brasil, eleita pelo
Instituto Geographico e Historico
da Bahia



FACULDADES CATÓLICAS
BAHIA
Typ. BAHIANA, de Cincinnato Melchiades
1900
BIBLIOTÉCA

Condições dos Concursos

A comissão executiva da commemoração do 4º centenario do descobrimento do Brasil, na Bahia, pela comissão para esse fim especialmente eleita, declara abertos dous concursos, de accordo com o n. 5 do programma approved em sessão plena, realisada no edificio da Intendencia Municipal:

1º — Para um drama de assumpto nacional, o qual será levado á scena num dos theatros d'esta capital.

2º — Para um poema descriptivo do descobrimento do Brasil ou um esboço histórico sobre o mesmo assumpto.

São condições dos concursos as seguintes:

1º — A entrega do original dentro de um praso, terminando ás 3 horas da tarde de 31 de dezembro de 1899.

2º — A assignatura dos trabalhos apresentados com um pseudonymo, acompanhando-os carta explicativa, convenientemente lacrada, desvendando o pseudonymo adoptado.

3º — Os dous trabalhos preferidos no julgamento (o drama e o poema) darão direito a cada um dos seus auctores a premios de 1:000\$000.

4º — A comissão executiva incumbir-se-á de mandar imprimir á sua custa os dous trabalhos premiados, cabendo aos auctores 100 exemplares da sua producção.

5º — Ficam de todo garantidos aos auctores os direitos de propriedade.

Os trabalhos que não forem premiados serão restituídos, guardando-se sobre elles completo sigillo se assim fôr necessario.

Bahia, 15 de Junho de 1899.

DR. SATYRO DE OLIVEIRA DIAS, P.
J. OCTACILIO DOS SANTOS.
ALOYSIO DE CARVALHO.
DR. BRAZ H. DO AMARAL.
DR. ALFREDO A. ANDRADE, S.



PERSONAGENS

- Pedro Alvares Cabral—*homem fidalgo, alcaide de Belmonte, governador da Beira e capitão-mór da frota portugueza.*
- Nicolau Coelho—*capitão de náu na esquadra do Gama e no mesmo posto ao serviço da frota de Cabral.*
- Pedro Vaz Caminha—*ex-mestre da balança da moeda no Porto, ora em missão para Calicut como escrevente do feitor-mór da frota e da carga.*
- Diogo Dias—*collector das rendas réaes de Sacavem em serviço para a nova feitoria de Calicut.*
- Affonso Lopes—*embarcadiço dos mares da India e piloto da capitanea.*
- Bartholomeu Dias—*descobridor do Cabo da Boa Esperança e capitão de navio na armada.*
- Bacharel João—*physico e cirurgião de el-rei D. Manoel, amador da astronomia applicada á navegação e medico da armada.*
- Frei Henrique Soares—*frade franciscano e guardião dos missionarios e clérigos em missão para Calicut.*
- Affonso Ribeiro—*criminoso e condemnado ao desterro para as Indias.*
- Antonio Ayres—*joven fidalgo filho de Ayres Corrêa.*
- João Fogaça—*grumete de primeira viagem.*
- Gonçalo Paes—*velho embarcadiço da armada de Vasco da Gama.*
- João de Thomar—*degredado para o desterro das Indias.*
- Pedro Gil—*mareante da frota.*

II

Cacique—*da tribu aymoré.*
 D. Beatriz—*filha de Ayres Corrêa.*
 D. Constança Ayres Corrêa.
 Isabel—*plebéa dos arredores de Lisbôa.*
 Zalina—*cartomante das praças.*
 D. Mafalda.
 India de sendal.
 D. Manoel—*rei de Portugal.*
 Vasco da Gama.
 Ayres Corrêa—*feitor mór da frota e carga.*
 Sancho de Tovar.
 Simão de Miranda.
 Vasco de Atahyde.
 Pedro de Atahyde.
 Pedro Dias.
 Ayres Gomes da Silva.
 Gaspar de Lemos.
 Luiz Pires.
 D. Diogo de Ortiz—*bispo de Ceuta.*
 Alferes da frota.
 Diogo de Azevedo.
 Affonso Furtado.
 Gil Barbosa.
 Pero Escobar—*piloto de N. Coelho.*

Capitães

de

navio

Escreventes
da frota

Franciscanos e clérigos de missa, mareantes velhos e novos, homens d'armas, grumetes, pagens, homens e mulheres do povo, degredados, índios e índias aymorés.

EPOCHA—1500

A acção tem logar:

1º acto—no Restello, Lisboa.

2º acto—na náu capitanea.

3º e 4º actos—em Porto Seguro, Brazil.

PRIMEIRO ACTO

PRIMEIRO ACTO

Ao fundo, estendendo-se para a direita, vê-se parte da ermida de Nossa Senhora de Belem, do Restello, cuja porta, patamar e escadas ficam quasi na lateral. Para além do portico, o reposteiro que intercepta á vista o interior do templo. Da ermida, para a esquerda, vê-se a cerca por sobre a qual apparecem as copas das arvores e ao longe os cumes dos montes do Restello. Junto á cerca, na esquerda, uma taverna de ramo verde á porta. A scena está animada por grupos de mareantes, velhos embarcadiços, homens d'armas, grumetes, pagens, homens e mulheres do povo. Transito continuo até meados do acto, de gente da acima descripta, que entra reverenciosa para a ermida. Alguns dos que entram interrompem os passos saudando com afan conhecidos que encontram na scena. Os grupos fazem-se e desfazem-se pela chegada de novas pessoas ou pela sahida de outras que desapparecem no templo. Em todos ha a expansão communicativa das massas populares n'um dia de jubilo nacional.

SCENA 1ª

João Fogaça, Vaz Caminha, Gonçalo Paes, Isabel, Zalina, mareantes, pagens, velhos embarcadiços, grumetes, homens d'armas e homens e mulheres do povo.

CAMINHA (*sahindo da ermida e dirigindo-se a Fogaça, que a um lado da scena conversa em grupo com Isabel e Gonçalo Paes.*)

Sempre te vens comnosco até ás Indias, ó João Fogaça ?

FOGAÇA

Ai! que me vou, sim, na frota, amanhã e tanto é passo decidido que já lá fui a um bom par de dias, á casa da India (n. 1) dar o meu nome e naturalidade

ao provedor dos almazens do reino, que é o sóire Jorge de Vasconcellos.

ISABEL (*levemente ironica*)

Não te bondam as ambições os nossos campos de Lisboa, que assim vaes á cata de melhor fortuna p'ra além dos mares.

FOGAÇA (*rindo alvarmente*)

Qual! Eu me vou a marear pelos mares, só p'ra sondar de que duração é a constancia na alma das mulheres.

ISABEL (*intencionalmente*)

De mais dura é, de certo, que a dos matalotes, que em se fazendo de largo... de largo põem as soidades.

ALGUMAS MULHERES (*que se têm chegado ao grupo, prorompem numa grande expansão*)

E' isso mesmo, Isabel.

OUTRAS (*ao mesmo tempo e na mesma satisfação approvativa*)

E' tal qual o dizes.

FOGAÇA (*a Isabel e deitando-lhe um olhar velhaco*)

Oh! cachopa! Que a não ser dadiva do demo, não teriam as mulheres lingua de tanto enguiço, para nos poer enfeitçados.

(*Alguns matalotes e pagens que se têm acercado do grupo, satisfeitos com a resposta, soltam boa gargalhada plebéa bamboleando-se contentes.*)

GONÇALO (*velho embarcadiço, arrimado a um marmelleiro, levado pelo entusiasmo dos moços, retruca-lhe alegremente.*)

Orça por esse prumo, bem apoiadinho sempre, que vaes dar a angra segura.

CAMINHA (*tambem impulsionado pela jovialidade dos circumstantes e batendo amistosamente no hombro de Fogaça.*)

Este dianho de rapaz, pela esperteza que tem ainda dá em qualquer coisa de prestimo, para os tempos que não de vir.

(*Fogaça bambolea-se de hombros, coçando a cabeça de acanhado e sem saber que dizer, ri-se baixando os olhos.*)

GONÇALO

E n'esta volta de mar que a Isabel lhe arrumou pela prôa, deu mostras de ser guapo timoneiro.

ISABEL

Tambem vossa mercê se vem a poer do seu lado, ó tio Gonçalo Paes?!

GONÇALO (*tristemente saudoso*)

E' que ha ingratidões de mulheres que ficam para sempre fisgadas ao peito dos mareantes doendo que nem chaga aberta e mais agarradas cá dentro, á alma d'um homem, do que a ostra á rocha d'uma costa do mar bravio.

FOGAÇA (*animando-o satisfeito*)

Ahi! tio Gonçalo Paes, que nunca a lingua lhe dôa.

GONÇALO (*proseguindo emocionado*)

De algumas sei eu, que ainda a primeira noite não tinha descido de todo sobre as ondas, escondendo a terra aos olhos alacrimados e saudosos dos maridos, que lá se iam nas armadas de Vasco da Gama, e já as pestes de má morte estavam dando entrada a uns tantos rascões, d'ante-mão já postos de luzio, com quem iam matar o raiviço, emquanto o ausente, guinado de maguas e penas, lá ia rolando pelos mares em fóra. (n. 2)

(*Alguns marinheiros, já entrados em idade, fazem gestos approvativos, voltando-se uns para os outros.*)

CAMINHA

Nem se alebrando, essas zabaneiras de Mafamede, das penas em que iam cahir nas *Ordenações Affonsinas*. (n. 3)

FOGAÇA

E' que a mulher é como a parra de vindima, que não tem vida se a não levantam de estaca.

(*Os homens riem-se longamente satisfeitos. As mulheres com modos descontentes fecham a cara.*)

ISABEL

Nanja-te lá com essas, que nem todas somos da mesma igualha.

(*As mulheres approvam-n'a e entre uns e outros anima-se a scena em voz baixa.*)

ZALINA (*do outro lado do palco, com a capa estendida no chão e sobre a qual distribuiu as cartas em disposição de cartomante, cercada de um povilheu curioso ergue a voz n'um pregão longo e característico.*)

Mareantes!... Mareantes que vos ides pelos mares a fuera, vinde a cá a lerdos la vostra suerte, antes de irdes a marear, ó mareantes.

FOGAÇA (*a Gonçalo*)

Discorreis como quem já por lá andou a lavar o bucho com muita agua salgada, tio Paes!

GONÇALO

A-la-fé que sim. Pois que me affz ás lides em Sagres, debaixo dos olhos do grande infante, que a não ser elle, rapazes, nada se teria descoberto ainda.

CAMINHA (*atalhando-o*)

E navegante que foste da *Berrio* sob as ordens do capitão Nicolau Coelho.

GONÇALO

Pois como velho navegante vos asseguro que, muitos dos taes mafarricos de saias, de bom pagode e comezainas com marmanjões de lindos olhos, depressa deram cabo dos cem cruzados em dinheiro que o Sr. D. Manoel mandou dar de abono ás mulheres dos embarcações da India. (n. 4)

CAMINHA

Mulheres?!... que as entenda o perro.

GONÇALO

São mais ventoinhas do que as ondas da Serra Leôa.

FOGAÇA

Para que ellas agora não tenham mais embuchos de comezainas, é que el-rei suspendeu a cesta do tal abono que era como que ir apanhar truitas a bragas enxuitas... Ah! cachopa! Ainda bem, que me vou sem por cá deixar nenhuma mulher que m'a pregue!

CAMINHA

O demonio sabe, se não será por causa d'uma dessas intrujonas de cabeça avôada, que entre os vinte desterrados que amanhã terão de abalar commosco, vae seguir um desgraçado, o Affonso Ribeiro, que, Deus me perdôe, mas parece-me ser digno de melhor sorte.

ISABEL (*a Fogaça e rindo com escarninho*)

Não te desfaças da companhia, ó João Fogaça! Vê lá como te cegam as ambições, que assim vaes de carneirada com degradados.

CAMINHA

Olha lá como dás á lingua, que não tenhas de babujar os que te ficam á ilharga!

ISABEL (*emendando-se*)

Ao sóire Pedro Vaz Caminha ainda não faltei, eu, ao respeito.

CAMINHA

Eu tambem me vou como escrevente da frota, e, poucos não são os que, como eu, p'ra lá singram ao romper d'alva.

FOGAÇA

A-la-fé que nem ella sonha o numbro de quantos vamos, que sobe p'ra riba de mil e duzentos.

ISABEL

Ai! que por bem parva me tomas.

CAMINHA

Se o não fôras, não terias ousado o que disseste.

ISABEL

D'esses que por mil se contam, voltarão muitos, se Deus quizer, no retorno da armada; mas os taes vinte degradados e outros que o destino sabe... (*olhando para Fogaça*) é que não voltarão a enxergar olivedos de Belém nem aguas do Tejo.

FOGAÇA

Nanja que para isso não pratiquei crime nenhum, nem me fiz culpado de degredo. Vou-me a marear de muito minha rica vontade, como todos que velejam ás ordens do capitão-mór Pedro Alvares Cabral!

CAMINHA

Tanto mais que, p'ra não haver rixas nem desgostos p'r'o futuro da viagem, foi que o provedor Jorge de Vasconcellos poz edital na casa da India, fazendo ver

bem claro que todos iriam de vontade sua e a soldo ajustado e certo! (n. 5)

GONÇALO

E ainda que fôras p'ra flear, machacaz d'uma figa, não te acharias por lá, n'esses confins da terra, sómente com os que de cá saem do Limoeiro. (n. 6)

CAMINHA

Louvado Deus que sim! Que tambem p'ra lá vae de vez, com a familia toda, Ayres Corrêa, fidalgo de bom sangue, que nos leva como escreventes p'ra feitoria de Calicut, a mim e a Diogo de Azevedo, e a Gil Barbosa, e a Affonso Furtado, sem fallar no cerurgiano de sua alteza e nos franciscanos e clerigos de missa que p'ra lá seguem com o guardião Frei Henrique Soares.

ISABEL (*chacoteando*)

Ai! que p'los modos abala-se agora metade de Portugal lá p'ra esses reinos da gentiidade! Bem nos póde vir agora a vencer a judiaria velha e mais a moirama que, para os guerrear nem mais infantes teremos, como já não temos a espada do santo condestavel! (n. 7)

ZALINA (*chegando-se ao grupo de Fogaça e agitando a pandeiretta para chamar-lhe a attenção*)

Guápas moçoilas e mancebos, a cá vim p'ra leer os vossos signos em los naipes.

ISABEL (*suspirando*)

Ai! que p'ra saber que o meu signo é de triste fado, nem faz minga que m'o leás.

(*Diversos do grupo voltam as costas a Zalina, afastando-se a conversar em voz baixa uns com os outros.*)

GONÇALO (*a Zalina*)

A escutar-te a falsidade dos naipes, de melhor aviso andarei indo alli á locanda da cerca, emborear um pichel do nosso vinho do Doiro. (*Voltando-se para Fogaça e outros.*) Vamos lá todos nós, a um bom trago, alli ao ramo, que o pago eu á saude dos que vão!

FOGAÇA (*lançando-lhe as mãos aos hombros com carinho.*)

E' á saude dos que ficam! Porque vossa mercê, tio Gonçalo Paes, se commoseo não vae de corpo vivo...

GONÇALO

Vae na esteira das vossas caravellas a minh'alma, rapazes. Eu vol-o juro por S. Vicente, que é patrono de Lisboa!

FOGAÇA

Que é lá isso, tio Gonçalo Paes? Tenha mão nos seus juramentos, que p'ra nós ainda elles não são cá precisos.

Todos (*os que fazem o grupo*)

E' isso! E' isso, tal qual!

CAMINHA (*apontando para fôra*)

Olhem... olhem quem é que chega acolá!

(*Todos se voltam.*)

GONÇALO

Ah! áquelle conheço eu como as enxarcias da

Berio, hoje alcunhada *S. Miguel*. E' o meu antigo capitão!

FOGAÇA

E' que tambem veio a despedir-se de Nossa Senhora de Belém.

GONÇALO

Pudéra não! Pois se ella é a mãe dos que por ahi afóra vivem rolando em cima das aguas...

ISABEL

Se nem o proprio soire D. Manoel faltou hoje ás despedidas, pois que lá está com todos os grandões do reino.

(*Aparece Nicolau Coelho. Todos se descobrem respeitosamente.*)

SCENA 2ª

Os mesmos e Nicolau Coelho

CAMINHA

Sêde bem vindo, capitão Nicolau Coelho.

NICOLAU

Sou-vos obrigado; e a vocês rapazes, e a ti tambem, meu velho lobo de Sagres!

GONÇALO

Que o meu valente commandante venha com a graça de Nossa Senhora é o que deseja este pobre chaveco podre, que já teve a dita de marinhar sob o vosso commando na veleira *Berio*.

NICOLAU

Então d'esta feita, deixas me ir até ás Indias sem te contar na companhia de bordo?

GONÇALO (*penalisado*)

Ah! meu commandante, tenho as pernas apodrecidas pelas humidades do mar e...

NICOLAU

Leva de desculpas, que ellas não são precisas p'ra quem te conhecer como eu. Os embarcadiços da tua tempera são como as náus de boa quilha; só deixam de vogar em cima d'agua quando o cavername, de velho, já não aguenta o rebojo dos mares.

GONÇALO (*emocionado até ás lagrimas*)

E' tal qual como o dizeis, meu capitão!

CAMINHA

E que Nossa Senhora vos conserve a saude por longos annos, pois que bem precisa é a vossa vida ao serviço da patria.

NICOLAU

Barco de bom lenho, ainda sinto no costado rijeza para os vagalhões do mar alto! — Era lá, no montar do Cabo, onde os tufões estão sempre alerta para levantarem as ondas á altura de montanhas, e por onde as nossas caravellas vão rangendo e saltando que nem cabras por cima dos penedos d'um abysmo... que eu queria ver a muitos d'esses fidalgotes que não sahem dos passos reaes, que fallam de cabeça coberta ao mo-

narcha, enquanto que nós que arriscamos as vidas longe dos nossos, em cima dos mares bravios, lutando braço a braço com os mares encapellados e com as borrascas ribombantes de coriscos, não fallamos a el-rei senão como peões: de cabeça descoberta e de joelho dobrado!

GONÇALO

E talvez por isso que se rosna que o soire almirante Vasco da Gama, de sentido que ficou com el-rei (n. 8) por tal motivo, desculpou-se desta feita p'ra não voltar ao commando da nova armada e indicou em seu lugar o soire Pedro Alvares Cabral, que estava governador da Beira.

NICOLAU

E não rosnam com desacerto os que assim boquejam... Mas afinal, somos portuguezes, e, esta empreitada a que vamos mais uma vez, é toda para gloria da patria!

CAMINHA

Assim pensando, mostraes que ainda sois o destemido capitão Nicolau Coelho, que soube vencer as tempestades de Cabo Verde, para ser o primeiro portador das novas da descoberta das Indias.

NICOLAU

Pois porque assim o entendo, é que me arrastei até cá, ao Restello, não obstante a fadiga em que me puzeram os serviços do embarque de tanta gente e carga! Assevero-te, meu velho Gonçalo Paes, que me deixaram de carnes mais moidas as lides d'hontem e

hoje, do que aquella tremenda borrasca de que se lembrou Vaz Caminha e que lá deixou enterrado na Terceira o valente Paulo da Gama. (n. 9)

CAMIMHA

Mórmente as mercadorias que em grande quantidade e apreço remette Vasco da Gama, como presente de lembrança ao rei de Melinde. (n. 10)

NICOLAU

Para bem acondicional-as, consoante o querer do grande almirante, estou eu aqui com as pernas a pedirem uma longa tarde de beliche... Ficae-vos pois por cá, com a Virgem, rapazes! E que ella peça ao seu divino filho pelos portuguezes, porque sem a sua sagrada intercessão não ha empreza de risco que saia venturosa.

(Todos se inclinam respeitosaente.)

GONÇALO *(dobrando o joelho e quasi em lagrimas)*

Que os olhos da Virgem Senhora não se despeguem um momento da vossa náu, meu capitão.

NICOLAU *(suspendendo-o com effusão e apertando-o ao peito)*

Ala-te á riba, velho e leal companheiro! Tu, que commigo dobraste o Cabo das Tormentas e em volta da cabeça ouviste como eu o sibilar das azagayas dos cafres de Moçambique! *(Todos se estatelam admirados com este lance.)* De ti quero sentir o coração bater sobre o meu peito, n'esta despedida de irmãos em perigos da guerra! E quando decorridos alguns sóes, já ninguem tiver na lembrança os embarcações perdidos por longes

mares, ao transpores, tu, um adro de igreja, que a tua bocca tenha sempre uma prece para a cruz santa...

GONÇALO (*atalhando-o com a voz embargada pelo pranto*)

Oh! meu commandante...

NICOLAU (*proseguindo com arroubado sentimento e cheio de fé*)

Para a cruz santa, que nos altares lembra o martyrio de Christo! Que nas nossas estradas recorda a morte de um christão e que nas nossas velas é ao mesmo tempo: o pharol que guia os mareantes á descoberta da terra e a benção de Deus sobre os que ficam sepultados nas aguas.

GONÇALO

Ah! meu capitão! Quem como vós leva a Cruz na vela de prôa e traz o nome de Christo na bocca, não carece das preces d'um rude embarcadiço como eu, porque tem a defendel-o a piedade da Virgem Mãe... que é a estrella dos mares.

TODOS (*excepto Nicolau*)

Diz muito bem, o tio Gonçalo Paes.

NICOLAU (*commovido*)

Com a fortuna! Não é que estou com o coração que nem uma almadia varrida pela vaga?! (*Enxugando os olhos e n'um transporte de coragem.*) Leva de anco-radouro! Adeus, amigos... Ficae-vos com a graça do Senhor!

(*Sahe para a ermida. Gonçalo volta um pouco as costas aos demais; limpando as lagrimas ás costas das mãos.*)

SCENA 3ª

Os mesmos excepto Nicolau

FOGAÇA (*que assistira á scena com visivel satisfação, ora commovendo-se, ora enthusiasmando-se, prorompe com alvoroço.*)

Upa! Isto é que é honraria, com mil adagas!

CAMINHA (*a Gonçalo*)

Vamos, homem! Não estejas agora a prantejar aqui que nem uma creança.

(*Continúa fortalecendo-lhe o animo.*)

FOGAÇA

A'la-fé que mais que o abraço da mais linda princeza do mundo, me regalaria um abraço como o que acaba de chuchar o tio Gonçalo Paes, dado por um heroe que é quasi tão grande com o soire D. Vasco da Gama.

GONÇALO (*a Vaz que o conforta*)

Ah! soire Vaz Caminha... um homem depois que se afaz a viver em cima de uma náu e ahi vae ficando de cabellos brancos que nem o linho do velame, á força de muita refrega de mar alto, e de muito sol ardente lá d'esses climas longinquos: — ao topar-se enalhado em secco como eu agora me topo, por causa da doença — quando vê um barco safar-se da costa para o largo, fica com a alma uivando em lagrimas cá por dentro do peito! Porque o barco é mais que a igreja e a familia do embarcadiço: é a sua propria alma a dançar em cima das vagas. E quando ella faz-se de largo,

escondendo-se como gaivota branca, no azul que abraça céos e mares, o nosso coração estarecido de magna fica alli a seguil-a... a seguil-a que nem o cão fiel que se aqueda chorando e ganindo, pelo dono que lá se vae de foz em fóra!

(Caminha e Fogaça abraçam-no tomados de fundo carinho, enquanto Gonçalo procura suffocar os soluços e enxugar o pranto que lhe transborda dos olhos).

ZALINA *(a Isabel que lhe fôra fallar ha um momento depois de ler as cartas e apontando para Fogaça)*

Que não lo tornas a ver é que não falha!

ISABEL *(agarrando-se-lhe aos braços afflicta)*

Não m'o digaes, pelas divinas chagas.

ZALINA *(fixando-a com mysterio)*

La Zalina que todos vós outros bem conheceis de feirar al Rocio, não tem em los naipes que lê senão las verdades. *(Afastando-se no pregão.)* Mareantes! mareantes! vinde a cá a leer vossos signos antes de vos irdes a marear!

(Confunde-se na multidão dos grupos.)

ISABEL *(que ficara como fulminada, de rosto escondido nas mãos, levanta agora a cabeça mostrando os olhos em lagrimas e fallando consigo)*

Que não o torno mais a vêr, m'o disse a feiticeira! Ai! que pelo espinho que me dóe no coração é que bem sondo que o amo mais do que julgava!

(Esconde o rosto nas mãos soluçando.)

FOGAÇA

Leva de tanta piegueira, tio Gonçalo Paes! A

gente veio até aqui p'ra despedir-se de Nossa Senhora de Belém e dos amigos, mas não p'ra ficar com a cara n'esta enxurrada de lagrimas.

(Continúa dialogando em voz baixa com Gonçalo.)

CAMINHA *(que reparara no afastamento de Isabel, vendo-a isolada e triste dirige-se a ella)*

Que é lá isso, rapariga? Tu e o Gonçalo Paes estão-me fazendo lembrar duas Magdalenas da procissão do enterro.

FOGAÇA *(a Gonçalo reanimando-o)*

Vamos d'ahi a um trago, homem! A carvalheira quando é de bom cerne, não vae á terra com qualquer rajada de vento!

CAMINHA *(a Isabel, vendo-a enxugar as lagrimas)*

Ai! que temos moiros na costa!

GONÇALO *(reanimando-se)*

Tens razão, rapaz! Vamos a um trago para que a Senhora de Belém te dê fortuna na vida a que vaes de mareante de primeira viagem.

FOGAÇA *(abraçando-o alegremente)*

Que Deus Nosso Senhor o oiça! *(Voltando para Caminha a cara)* Oh! soire Pedro Vaz Caminha, cedanos a honra de vir d'ahi a beber um pouco de vinho comnosco!

ISABEL *(detendo-o rapidamente, á meia voz e supplicante)*

Peço-lhe a esmola de me dar primeiro uma palavra.

CAMINHA

Desculpem-me vocês, de não os acompanhar, pois tenho ordem do feitor da frota de aguardar aqui a Snr.^a D. Constança Ayres e sua filha. Ah! se não fôra ter que esperal-as, estaria, eu, lá dentro assistindo ao pontifical, que é d'aquelles que são raros!

GONÇALO

A obrigação antes de tudo!

FOGAÇA

Vem-te d'ahi tambem, ó Zabella!

ISABEL

Lá irei d'aqui a pouco.

FOGAÇA

Não se pespeguem agora p'ra ahi esquecidos de nós, que nem os namorados nas manhãs de maio.

(*Vae sahindo com Gonçalo de braço passado amoravelmente sobre o hombro do velho marijo.*)

UM PAGEM (*vendo passar Gonçalo, grita aos do povo*)

O' gente! Vamos ao ramo verde, que é patrono da mesa o tio Gonçalo Paes.

Povo (*correndo em festa para Gonçalo*)

Vamos! Vamos ao vinho!

UM MAREANTE

Este é cá dos do nosso cothurno. Viva o tio Gonçalo Paes!

TODOS

Viva o tio Gonçalo!

GONÇALO (*radiante de commoção*)

Vêde lá, rapazes, se após a abordagem d'ha pouco, do meu commandante, quereis-me lançar a pique sobre um escólho de prantaria grossa!

MAREANTE

Viva o velho lobo de Sagres!

TODOS

Viva! Viva!

(*Entram na venda da cerca acompanhando triumphante Gonçalo Paes, que se sente rejuvenescer de jubilo.*)

SCENA 4^a

Caminha e Isabel

ISABEL (*que tem estado alheia áquella scena, dialogando em voz baixa com Caminha, um tanto inquieta e afflicta*)

Entende antão vossa mercê que não poderei embarcar com elle?!

CAMINHA

Oh! rapariga! A viagem, ao que me consta, é só d'homens; e no que diz respeito a mulheres, que eu saiba, só segue a familia do feitor Ayres Corrêa.

ISABEL (*dolorosamente e contorcendo as mãos*)

Não tenho alma de o ver partir, depois que a Zalina me asseverou que não lhe tornaria mais a poer os olhos.

(Aparecem D. Constança Ayres e sua filha D. Beatriz.)

CAMINHA *(vendo-as)*

Dá-me, tu, licença, que nós a fallarmos na familia de Ayres Corrêa e ella ahi vem chegando.

(Dirige-se respeitosa e sentida ás senhoras que entraram.)

SCENA 5ª

D. Constança, D. Beatriz, Isabel, Caminha e Zalina

D. CONSTANÇA

Sabeis de meu esposo, Pero Vaz Caminha?

CAMINHA

Lá está na ermida assistindo ao pontifical pela partida. Tambem lá estão el-rei D. Manoel, o capitão da frota Pedro Alvares Cabral, Vasco da Gama e os grandes do reino, que todos lá estão em preces para que a Senhora de Belém, que é a mãe dos navegantes, proteja a viagem a que iremos amanhã. De ordem do senhor feitor-mór da armada é que eu estava aqui aguardando a vossa chegada, senhora D. Constança Ayres.

D. CONSTANÇA

Sou-lhe agradecida, Vaz Caminha. Cá nos arrastamos, tambem, a fazer as nossas ultimas despedidas, porque são partidas estas que se não devem começar sem grande conforto de Deus!

CAMINHA

E cá á senhora D. Beatrizinha, fazem-lhe bem min-

gua taes confortos, porque parece que antes de safar-se de Portugal lhe vão as saudades da patria partir-lhe o coração!

D. BEATRIZ *(triste, mas apparentando resignação)*

O meu coração, mestre Vaz, tambem não deixa de ser um coração portuguez como o d'aquelles que têm a vida ao serviço d'el-rei!

CAMINHA

A arvore de lei não precisa dos gabos dos vendilhões do Rocio quando lhe meream o fruto. Fruto de boa arvore de lei é a senhora D. Beatrizinha, que descende do Senr. Ayres Corrêa, fidalgo que, entre tantos, foi o escolhido por D. Manoel para fundar e dirigir a primeira feitoria que Portugal vae ter nas Indias.

D. CONSTANÇA

E só por obedecer a ordem de sua alteza nos despegaremos amanhã todos do nosso querido torrão patrio... Ai! mestre Vaz, que é com a alma afogada em lagrimas que os olhos se me vão apartar... quem sabe se para sempre?! da amada terra onde pensei descansar em repouso dos meus velhos dias.

(Limpa uma lagrima furtiva que lhe humedece os olhos. Beatriz cinge-a com os braços carinhosamente. Caminha, d'olhos baixos conserva-se por momentos em attitude respeitosa e sentida, sem coragem de fallar-lhes.)

ISABEL *(preoccupada com a sua desgraça nem dera pelas fidalgas; ora erguendo os olhos desabajando um longo suspiro estortegado, ora passeando como presa de*

idéas allucinantes. Tem estacado afinal immersa n'um copioso pranto. Ergue, agora, os olhos alacrimados para o céu, n'uma resolução brusca e exclama:)

Mãe Santissima, acode-me n'esta angustia!

(Dirige-se á porta da ermida, onde se ajoelha com fervor.)

D. BEATRIZ *(acarinhando docemente a D. Constança)*

Mãe! assim estás a mostrar que ainda soffres mais do que eu!

D. CONSTANÇA *(fitando-a com suave amargura maternal)*

Soffro mais... dizes. Tu que desde Dezembro, de palreira e feliz que eras, vaes empallidecendo, e, definhando todos os dias, como um lyrio mimoso que é arrancado da terra!

D. BEATRIZ *(abraçando-a n'um assomo muito terno)*

Exageras, querida mãe!

CAMINHA

Que ambas as senhoras me perdoem a ousadia em lembral-o, mas taes temores da derrota a que vamos não são de seguro agoiro, pois que ahi temos muita gente que por lá andou e que hoje bem afortunada vive n'estes reinos.

D. CONSTANÇA

Que como a esses, nos traga Nossa Senhora ao berço materno, é o que eu rogo nas minhas orações.

CAMIMHA *(buscando levantar-lhes o animo)*

Perdoae de novo que vos lembre que o mar Tor-

mentoso perdeu o encanto malefico dos seus glaucos tritões e perfidas nereidas, desde que o dobrou Bartholomeu Dias e o montou por ultimo D. Vasco da Gama. O almirante Cabral não veiu da Beira, nem deixou a alcaidaria de Belmonte para ser menos afortunado que o heroe da náu *S. Gabriel*. Para abonar-lhe a coragem, basta saber-se que ainda lhe corre nas veias o sangue do guarda-mór do Grande Infante. (n. 11)

ISABEL *(ergue-se, desce alguns passos com resolução e exclama para o céu, como illuminada por um pensamento)*

Graças, meu divino Jesus! Vou a praticar o conselho que me déste agora e não hei de perder aquelle que amo.

(Sahe resolutamente.)

SCENA 6.^a

Os mesmos, excepto Isabel

D. CONSTANÇA *(que tem estado afagando a cabeça de Beatriz, olhando-a demoradamente com grande ternura)*

Deslembra-se d'isso a minha Beatriz, e mais por ella do que por mim mesma sinto devéras este apartamento, porque de antemão sorvo o amargo das ondas... nas lagrimas que de continuo lhe abeberam os olhos! Pois que da agua do pranto e da agua dos mares, a que eu mais receio, não é a que despedaça as náus, mas a que afoga a alma da minha pobre filha.

(Abraça-se com Beatriz, ficando ambas por um momento n'este amplexo de mutua e silenciosa magua.)

ZALINA (*aproximando-se das duas senhoras e estendendo o largo manto no chão*)

Galantes fidalgas... dade-me permissão a que la Zalina vos leia el signo em los naipes e vedereis la vostra ventura a troco d'uma limusna.

CAMINHA (*mettendo-se de permeio*)

Arreda d'aqui, com os teus naipes, que só a desmiolados lucrarão fé!

ZALINA (*lançando-lhe um olhar de esquelha e recolhendo a capa*)

Perdonae-me senôr caballero...

(*Afasta-se lentamente.*)

CAMINHA

Esta corja ainda tem o sangue mourisco d'aquelles que lá em Tanger nos ficaram com o infante D. Fernando prisioneiro. (n. 12)

(*Ouvem-se vozerias e risotas dos que foram para a venda.*)

BEATRIZ (*dirigindo o olhar para onde soam as vozes*)

Aquelles outros não trazem a alma penada, como eu e tu, minha mãe.

D. CONSTANÇA

Quem o sabe lá, minha Beatriz!

CAMINHA

E' o povo! Esse gigante tão incomprehensível como os ventos e tão profundo como os mares.

D. BEATRIZ

Rebanho de felizes...

CAMINHA (*atalhando*)

Quando não tresmalha em manada de lobos... Enquanto que uns estão alli dentro da ermida, de joelhos no chão e mãos postas, com os olhos cravados na virgem de Belém, outros encafuaram-se p'r'acólá, p'r'o ramo verde, em volta de uma mesa de pinho, a escorropichar cangirões e picheis.

BEATRIZ

Não são os que alli dentro bebem vinho com tanta alegria, os que terão de tripolar as náus e arriscar as vidas... Os que partem... só quererão beber na fé e na religião o conforto que desee das chagas de Christo e alenta a alma suffocada pelo pó da terra... (*Voltando os olhos para Caminha*) Desventurados os que, tão perto do perigo, não o enxergam, nem levantam olhos para o céo.

D. CONSTANÇA

Com acerto o pondéras, minha filha, mas não nos detenhamos, que nem para isso cedo viemos. Nossa Senhora não terá depois tempo para ouvir-nos as despedidas... (*D. Beatriz sorri n'um gesto approvativo.*) Até á capitanea, mestre Vaz Caminha.

CAMINHA

Para que as aguardasse aqui foi que eu tive mando do senhor Ayres Corrêa, vosso esposo, e, se não é de

contra-gosto, acompanhal-as-hei até á capella para desbravar caminho por entre os peões que, de cardume cerrado, atulham a nave.

D. CONSTANÇA

Não vos incommodeis, mestre Vaz.

(Cumprimenta-o com leve gesto de cabeça, bem como D. Beatriz, e sahe com esta para a ermida.)

CAMINHA (recuando dois passos com grande reverencia)

Humilde servo de vossas mercês.

(Quando as duas senhoras se approximam da porta Diogo Dias, que sahe do templo com mostra de affrontado de calor, vendo-as quasi de esbarro, dá um pulo para o lado, com exaggerada galanteria cavalheiresca, facilitando-lhes a passagem e detendo-se, depois, d'olhos cravados na porta por onde ellas entraram.)

SCENA 7ª

Caminha, Zalina e Diogo Dias

ZALINA, (que desde que se afastara, fôra acocorar-se sobre a capa no chão, lançando as cartas e por vezes olhando significativamente para D. Beatriz, tem-se erguido apenas as senhoras dão mostras de sahir; logo que ellas se afastam de Caminha, desce a este mysteriosamente.)

Senôr Cabellero... Bem podeis ir a vos sortirdes de cera e alecrim pela dama que alli vae. (n. 13)

CAMINHA (voltando-se surpreso)

Que pias tu, p'ra ahi, mocho agoireiro?

ZALINA (com modos cabalisticos)

Não ha de ser aquella dama... branca que nem o burel das monjas, que cá ha de voltar a estas terras.

(Caminha fica apprehensivo. Zalina lança-lhe ainda um olhar vingativo, sollando uma risada e afastando-se em seguida com o pregão.)

Mareantes! Mareantes que vos ides a marear... vlnde a cá a leer la vostra ventura. (Sahe)

SCENA 8ª

Caminha e Diogo Dias

DIOGO (descendo a Caminha)

Ufa! Muito devem soffrer os coelhos nas luras.

(Ouvem-se harmonias religiosas que sahem do templo. Caminha conserva-se ainda apprehensivo e sem dar por Diogo.)

O infante D. Henrique quando fundou esta ermida não sonhou ao certo que a viria a encher um tão grande mar de gente. (n. 14)

(Notando a absorpção de Caminha)

Que é lá isso, mestre Vaz? Daes a mostrar que o donaire da feitiçaria vos deixou encantado que nem a doninha pelo sapo?!

CAMINHA

Ahi vens tu, Diogo Dias, com as tuas folganças costumeiras.

DIOGO (com jovialidade)

E' p'ra regalo meu que o venho, pois que é tal o abafamento da ermida que, pelo calor das luzes e do atulho da gente, já me ia desfazendo n'agua de suor que nem um presunto no primeiro dia de fumeiro.

SCENA 9ª

Os mesmos e Fogaça

FOGAÇA (*apparece á porta da venda um pouco vacillante de pernas e com um braço estendido palpando o portal para aprumar-se. Traz os cabellos em desordem e relança um olhar muito illuminado pela scena.*)

Oh! soire Vaz Caminha!

Diogo (*gargalhando*)

Ah! ah! ah! Bacho salta p'ra fóra do tonel p'ra vir saudar-nos, mestre Vaz.

FOGAÇA (*descendo alguns passos*)

Cá estamos á espera de vossa mercê... Só se vossa mercê se despresa de virar uma malga de vinho na companhia de rascões... de matalotes e grumetes... como é cá o João Fogaça.

Diogo (*a Fogaça*)

Arrima-lhe de rijo, emquanto tens pé em terra firme, que em o teu barco sahindo a barra nem as tripas te ficam dentro do corpo.

(*Entram dous pagens trazendo uma cadeirinha abrazonada.*)

CAMINHA (*indicando a cadeirinha*)

Este chega quasi ao cabo da festa!

Diogo (*chalaçando*)

E' que só vem assistir aos morteiros.

SCENA 10ª

Os mesmos, D. Mafalda e dous pagens

(*Ouvem-se canticos religiosos entoados pelos frades e clérigos na ermida. João Fogaça cambaleando dirige-se á porta do templo um tanto attrahido pelos canticos. D. Mafalda mostrando a cabeça pelo postigo da cadeirinha falla aos pagens. Exemplar de velhinha octogenaria da antiga fidalguia portugueza.*)

D. MAFALDA

Bonda, homens! Apeiem aqui mesmo.

(*Os pagens descançam a cadeirinha.*)

CAMINHA (*apressando-se em ir abrir-lhe a porta diz a Diogo*)

E' a senhora D. Mafalda Corrêa.

Diogo (*olhando de soslaio*)

Curiosa reliquia de castanha pilada.

D. MAFALDA (*franzindo as palpebras ao approximar os olhos de Caminha, que lhe offerece a dextra para a ajudar a sahir*)

Quem sedes vós, senhor cavalleiro?

CAMINHA

Pero Vaz Caminha, humilde escrevente do Senr. vosso primo Ayres Corrêa.

(*Ella faz-lhe um gesto de agradecida, dá-lhe a mão e desce vagarosa e tremuia.*)

FOGAÇA (*approximando-se de Diogo*)

Vossa mercê não bispou por cá a minha Zabella?

(*Diogo responde-lhe em voz baixa. Da venda vão*

sahindo aos poucos alguns pagens, mareantes e mulheres, que ouvindo os canticos se dirigem á porta da ermida e alí se prostram em preces.)

D. MAFALDA

A prima D. Constança Ayres ainda estará assistindo ao pontifical?

CAMINHA

Está, sim, senhora D. Mafalda.

D. MAFALDA (*dá alguns passos e franzindo tambem as palpebras para melhor ver Diogo*)

Quem é este cavalleiro, que o não lobrigo bem?

DIOGO

Diogo Dias, collecter que foi das rendas de el-rei em Sacavem, (n. 15) criado da fidalga e amanhã tambem de partida no serviço da frota.

D. MAFALDA

Que Jesus Christo vá na vossa companhia, meus filhos.

(Volta-se para os pagens a quem falla. Estes dão-lhe diversos pequeninos objectos sagrados e symbolicos de dentro da cadeirinha.)

FOGAÇA (*que tem passado, a Caminha*)

Vossa mercê não bispou por cá a minha Zabella?

CAMINHA

Safou-se d'aqui lavada em lagrimas... Parece que pelos modos a rapariga quer-te mesmo a valer.

FOGAÇA (*com a cara choramingueira*)

Tambem eu, mestre Vaz. Tambem eu lhe quero mesmo d'arrocho!

DIOGO (*rindo*)

Bem dizia o poeta: in vino veritas!

D. MAFALDA (*aos pagens*)

Vão-me esperar com a cadeirinha na entrada da povoação.

(Os pagens inclinam-se em signal de obediencia e sahem com a cadeirinha por onde vieram.)

FOGAÇA

Ai! que tudo que eu tramelava era só da bocca p'ra fóra e p'ra melhor a experimentar ao derriço.

(Limpa ás costas das mãos algumas lagrimas que lhe descem pelas faces.)

D. MAFALDA (*a Diogo*)

Apesar de velhinha, não quiz faltar com uma lembrança á partida dos primos que... quem sabe lá se lhes tornarei a poer a vista em cima.

(Apparecem á porta da ermida D. Constança e um joven fidalgo, seu filho Antonio Ayres, que entre si trazem D. Beatriz muito mais pallida e quasi desfallecida.)

SCENA 11ª

Os mesmos, D. Constança, D. Beatriz e Antonio Ayres,
que breve sahe

CAMINHA (*correndo solícito ás damas*)

Christo Santo!

DIOGO (*dando tambem alguns passos e maravilhado com a belleza de D. Beatriz, diz consigo*)

Que frol de encantar cegos, quanto mais aos de luzio sagaz!

D. MAFALDA (*divagando o olhar em volta, sem nada ver nem perceber*)

Passa-se alguma coisa de monta?

FOGAÇA (*que lhe está proximo, suppondo que ella se lhe dirige, intencionalmente*)

Sou eu que estou a prantejar, a prantejar p'la minha Zabella... Vossa mercê não a bispou por cá?

D. CONSTANÇA (*que se tem approximado com a filha de D. Mafalda*)

Ai! prima! que não contava mais vel-a!

D. MAFALDA

Que tem a tua rica filhinha?

D. BEATRIZ (*depois de um longo suspiro e reanimando-se*)

Nada, sinto-me a melhorar...

DIOGO

Devia ser do abafamento que ha lá dentro da capella e que está de fazer vertigens a um christão.

D. CONSTANÇA (*a Antonio*)

Volta para junto de teu pae, meu filho, a socegal-o por tua mana e dize-lhe que aqui nos deixaste em companhia de boa amizade.

(*O mancebo beija-lhe a mão, passando a fazer o*

mesmo a D. Mafalda, que o detem para presentear-o com um relicario.)

D. BEATRIZ (*a Caminha que lhe está proximo e se lhe mostra solícito e desvelado*)

Quando vi o Snr. Rei D. Manoel, que estava sentado na cortina (n. 16) tendo a seu lado o capitão-mór da armada, erguer-se para tomar o estandarte de Christo que D. Diogo de Ortiz, bispo de Ceuta, retirara do altar e benzera, para dar a el-rei que com as suas proprias mãos o passou a Pedro Alvares Cabral...

D. CONSTANÇA (*limpando os olhos*)

Foi um lance chocante aquelle!

D. BEATRIZ (*continuando*)

Parecia que el-rei queria dizer ao novo almirante: Ahi vos entrego o pendão que Nuno Alvares tornou sagrado para os portuguezes em Aljubarrota! Defendei-o onde quer que o leveis... porque a brancura do seu panno é a alma da patria de D. Affonso Henriques, e a cruz que n'elle vae leva na côr o sangue do proprio Christo que morreu pelos homens.

(*Interrompe-se commovida para enxugar os olhos.*)

D. CONSTANÇA (*abraçando-a carinhosamente*)

Ahi voltas tu a agoniares-te, minha Beatriz. Melhor será que já nos vamos d'aqui para a capitanea, que não tardam a findar as cerimoniaes religiosas.

(*Durante esta scena D. Mafalda tem tirado um relicario que tem posto ao pescoço do mancebo. Este tem-lhe agradecido beijando-lhe as mãos, depois abra-*

quando-a demoradamente e afasta-se para a ermida enxugando os olhos.)

FOGAÇA *(que anda perto da ermida dirige-se totalmente ao fidalgo)*

Vossa mercê não bispou por cá a minha Zabella?

(O mancebo não lhe presta atenção e desaparece na ermida.)

CAMINHA

Tem um coração d'oiro a senhora D. Beatrizinha!

D. CONSTANÇA *(suspirando)*

Se tem um coração d'oiro?! Que o diga o pobre Affonso Ribeiro que foi condemnado á morte e...

CAMINHA

E pelas supplicas que ella fez a D. Leonor Telles e depois ao proprio Senr. D. Manoel, consegui o pobre Affonso Ribeiro ver commutada a pena de morte em pena de desterro. (n. 17)

DIOGO

Talvez seja o primeiro felizardo que se gabe de tal empreza, pois que as Ordenações Affonsinas são implacaveis!

(D. Mafalda durante esta scena tem-se aproximado de D. Beatriz passando-lhe em volta do pescoço um relicario que D. Beatriz antes beija soffregamente.)

SCENA 12ª

Os mesmos e Gonçalo

GONÇALO *(que tem entrado ás ultimas palavras e dirigindo-se a Fogaça)*

Ora viva lá, meu piloto! Foste ao pégo na derrota?

FOGAÇA *(sempre de cara choramingueira e parvamente tomado da mesma idéa)*

Vossa mercê não bispou... não bispou por cá a minha Zabella?

(Ouve-se ao longe o pregão de Zalina.)

ZALINA

Mareantes! Mareantes que vos ides a marear, vinde a cá a leer a vostra dicha!

D. MAFALDA *(dando uma reliquia a D. Constança)*

Leve tambem a prima esta reliquia comsigo! Nunca são de mais as lembranças de Deus quando se vae andar sem se saber por onde.

(Têm cessado os canticos, dando agora lugar a grandes repiques de sinos.)

DIOGO

Acabou o cerimonial. Lá vamos agora todos nos encafuar a bordo, que nem sardinhas em tigella.

(Apparecem á porta da ermida os frades de S. Francisco de cruz alçada e grandes tocheiros accezos. Os frades vêm entoando antiphonas. O repique festivo dos sinos não cessa. As tres senhoras, Caminha e Diogo recuam naturalmente a uma extrema da scena, agrupados, estando á frente as senhoras para verem melhor o desfilar do prestito.)

FOGAÇA *(que tem estado com a cabeça enterrada nas mãos, cahida sobre o peito, nem tem visto o prestito, esmagado pela paixão. Junto a elle Gonçalo Paes, radiante de orgulho de velho marinheiro, contempla aquelle desfilar, chamando-lhe a atenção com encontroadellas de hombros e safanões rusticos de embarcação.)*

Pobre cachopa! Agora é que eu apercebo que lhe queria mesmo cá de dentro e a valer...

(*Recahe na mesma posição.*)

D. CONSTANÇA (*a D. Mafalda*)

Ai! prima D. Mafalda, como custa esta partida!

(*Ovem-se as salvas de artilheria. As antiphonas dos franciscanos são engrossadas no seu volume coral pelo concurso do povo. Alguns plebeus e pagens nos arroubos do enthusiasmo trepam acima da cerca e com lenços de côres variegadas fazem os acenos da despedida. Após a fileira dos franciscanos e clérigos da expedição apparece o alferes da frota com a bandeira da ordem de Christo desfraldada. Segue-se o bispo de Ceuta com o seu ceremonial.*)

Diogo

Lá levam o estandarte que el-rei entregou a Alvarés Cabral.

GONÇALO (*enthusiasmado*)

Era aqui, p'ra lobrigar esta tafalaria toda, qu'eu queria ver agora o meu grande Infante! (*Puxando Fogaça por um braço*) Vira de crena, rapaz, e esparrama os luzios n'aquella lindeza!

Diogo

Bofé! Que isto p'los modos vae que nem a partida de Vasco da Gama ha tres annos.

(*Após a guarda do bispo, apparecem debaixo d'um rico pallio de seda com franjados de ouro D. Manoel rei de Portugal, vindo a seu lado Pedro Alvares Cabral, trajando ricamente de almirante da frota e sobre a cabeça trazendo um barrete.*)

GONÇALO (*dobrando o joelho e obrigando Fogaça a imital-o*)

Abaixo. Olha que lá passa el-rei!

CAMINHA (*ás senhoras*)

Aquelle barrete que o Snr. Alvares Cabral leva, é um barrete bento que o papa mandou a el-rei e foi mesmo el-rei quem o botou na cabeça do almirante da frota!

(*Fogaça depois levanta-se e afasta-se um pouco chorando perdidamente e sem importar-se com o que se passa. A'quelles personagens seguem-se D. Vasco da Gama, Bartholomeu Dias, Sancho de Tovar, Nicolau Coelho que vae conversando com seu piloto Pero Escobar, Ayres Gomes cercado pelos escreventes, Simão de Lima, Vasco de Atahyde, Pedro Dias, Luiz Peres, Affonso Coelho, Pedro de Athayde e outros.*)

GONÇALO (*erguendo-se tremulo de satisfação*)

Olha, olha D. Vasco da Gama com Bartholomeu Dias... os capitães todos... olha, aquelle é Affonso Lopes, piloto da capitanea. (*Vendo Fogaça sempre em choro*) Leva ferro de tanta piegueira, com mil traquetes, e, salta p'ra bordo, grumete de uma figa!

FOGAÇA (*desatando a chorar alvarmente*)

Ai! que não tenho alma de me apartar assim da minha Zabella.

GONÇALO (*emocionado pelo espectaculo e crescendo de enthusiasmo*)

Pois fica-te p'ra ahi, em secco, meu grande açõrda! Fica-te, que o teu lugar ao cabrestante não ha de ficar sem homem n'uma manobra de pulso!

FOGAÇA (*estatelando-se boquiaberto*)

Que me diz vossa mercê, tio Paes?

GONÇALO

Que me vou, eu, a tomar o teu posto! Porque quando se enxergam d'estes quadros e se tem cá dentro um coração portuguez, atira-se um homem de olhos fechados até onde fór aquella bandeira que lá segue e que leva comsigo as cinco chagas de Christo!...

(Tremulo de enthusiasmo sobe a misturar-se no prestito, desapparecendo. Fogaça detem-se como assombrado. As senhoras, Caminha e Diogo dirigem-se para o prestito em movimento de seguirem-n'o. O prestito continúa até á descida do panno, composto depois dos fidalgos e grandes do reino, pelos homens d'armas, mareantes, grumetes, pagens e povo. Ouvem-se ainda as antiphonas, os repiques e a artilheria saudando o embarque. Desce o panno.)

FIM DO 1º ACTO

SEGUNDO ACTO

SEGUNDO ACTO

A scena passa-se na tolda da náu capitanea, ficando á esquerda o castello de pôpa, ao qual se sobe por duas largas escadas lateraes, ambas de corrimão. Entre as escadas uma porta que dá entrada para a camara. Ao centro sobe um grande mastro. Das vergas pendem as velas e, n'estas, vê-se o grande cruzeiro vermelho das cruzadas. Para além da amurada vê-se ao longe céos e mares.

SCENA 1ª

Affonso Lopes, Diogo Dias, Fogaça, Affonso Ribeiro,
Pedro Gil, mareantes e pagens de bordo

(Affonso Lopes, de pé nos degraus superiores da escada de bombordo, observa com um oculo o horisonte. Affonso Ribeiro á direita, sentado sobre um rôlo de cabos, com o queixo fincado nas mãos e olhos baixos, mostra-se como indifferente ao que se passa ao redor d'elle. Ao centro da nave, sentados na tolda, Pedro Gil e alguns mareantes, jogam as cartas; outros da maruja, assistem de pé ao jogo. A' esquerda, sentado n'um barrilote, Fogaça toca uma gaita de folle, cercado por alguns grumetes e pagens de bordo. Momentos depois apparece Diogo Dias, sahindo da camara e dirige-se á borda espreitando o horisonte e breve se volta para Affonso Lopes.)

DIOGO

Que miras tu ao ponente, mestre Lopes?! Signaes de terra?

AFFONSO *(abanando a cabeça)*

Quem nos déra d'isso!

DIOGO

Está-me parecendo, cá a mim, que o capitão-mór mandou puxar de mais para fóra da costa.

AFFONSO

P'ra que se não perca no pégo é que além das melhores taboadas, tambem comsigo traz o novo astro-labio de mestre Martim da Bohemia.

DIOGO

Mas o dianho é que já vão para quarenta e quatro sóes que deixamos o Restello.

(*Affonso Lopes desce e vem dialogar em voz baixa com Diogo.*)

GIL (*do grupo em que joga dirigindo-se a Fogaça*)

Larga de mão a gaitarola, ó Fogaça, e vem até cá sondar como se ganha aos naipes. (n. 1)

FOGAÇA

Regala-te p'ra lá com os teus naipes, já que n'isso encontras prazer, e deixa-me p'ra aqui consolar-me um pouco com a gaita, já que não tenho outra companhia por estes longes lugares da minha terra.

GIL (*gargalhando*)

Ai! que o dianho do grumete está de aza cahida, e, por isso, mata as soidades da cachopa, nos atulhando as oiças d'aquella melopéa cabreira!

(*Os do grupo do jogo e os que estão junto a Fogaça soltam ampla risada.*)

DIOGO (*que tem estado dialogando em voz baixa com Lopes*)

Orça por onde te çalhe ao leme, mas tendo sempre na cachola, mestre Lopes, que não sou eu, Diogo Dias, que me sinto de feitio p'ra viver como pato, vida em riba d'aguas salgadas.

AFFONSO (*sorrindo ironicamente*)

De mais regalo é sem duvida arrecadar os dizimos de el-rei, que era este o vosso mister em Sacavem, (n. 2) do que soffrer calmarias como aquellas que nos flaram na altura da Gram Canarea. (n. 3)

FOGAÇA (*que deixara de tocar a gaita prestando attenção a Affonso Lopes, erguendo-se agora*)

Ai! mestre piloto, queira a Virgem Senhora de Belém que oitra não nos succeda.

AFFONSO (*dando-lhe com amistosa brutalidade*)

Tremeu-te a alma no corpo, hein! serrano de má pello!?

FOGAÇA

Se me tremeu?! Tremeu! Tremeu, mestre piloto, pois estava-me cá parecendo que nunca mais nos safavamos da frente d'aquella montanha toda aberta em abysmos, cheia de cães bravios, e coberta de neve que nem as nossas serras de Portugal por Dezembro.

AFFONSO

Pois não foi a falta do capitão-mór seguir o roteiro que lhe fez D. Vasco da Gama, quando lhe recommendou a elle e aos mais capitães que cortassem

pelo mar largo, tomando largos os ventos do mar, com muito resguardo por dobrar o Cabo da Boa Esperança e que de dentro d'elle fossem a ver vista de terra!...(n. 4)

FOGAÇA

E depois que perdemos da vista o pennacho da ilha do Fogo, já vão em trinta dias que os nossos luzios mais não enxergam que céos e mares.

DIOGO

E' que o demo já nos traz d'olho, desde que largamos de Lisbôa.

FOGAÇA

P'ra conjurar o tinhoso é que alli trazemos, no velame, de braços bem abertos, a santa cruz que nos campos de Ourique nos legou Nosso Senhor Jesus Christo!

AFFONSO (a Diogo)

Porque entendeis que o demo nos tenha d'olho n'esta singradura, Diogo Dias?!

DIOGO

Porque velejamos de Lisbôa, entre náus e caravellas, com frota de treze navios... vêde bem o azar d'este numero de treze velas, e haverá de ser mesmo no decimo terceiro dia (n. 5) de navegação que o demo nos teria de ferrar com as calmarias das Canarias.

FOGAÇA

E levar, como nos levou, a náu de Vasco d'Atahyde, de que não se soube mais noticia. (n. 6)

DIOGO (*galhofando*)

A mais segura é que mergulharam por essas aguas abaixo, n'uma cambolhada de pregos, a levar informações da nossa derrota a el-rei Neptuno.

GIL

E' que mares e ventos, quando não dão cuidados... dão tormentos.

(*Levanta-se deixando os outros no jogo e vem-se reunir ao grupo.*)

AFFONSO

Leva de temores vãos! Para não nos arrecearmos de qualquer caramunha é que himos n'uma frota, como ainda não sahiu igual do Tejo tanto em valor d'homens, como em numero de velas.

FOGAÇA

El-rei quiz d'esta feita deixar de bocca aberta o tal rei de Calicut, que, pelo que se diz no reino: recebeu com pouca consideração D. Vasco da Gama e a sua gente.

GIL

Que volte agora a repetir com o capitão-mór tal desaforo, se quizer tomar cossa que lhe ensine a melhor respeitar os portuguezes!

AFFONSO

Que portuguezes de lei são os que ali vão n'esses navios todos e aos quaes não assusta: nem o numero do inimigo, nem a bravura das armas. Ah! rapazes,

que até dá orgulho a gente o ser filho d'uma terra que dá homens de tanta coragem!

FOGAÇA (*radiante*)

A'la-fé que sim, mestre piloto!

AFFONSO

E reparem vocês que pôde haver reinos maiores e terras mais ricas do que as nossas, lá por esse mundo afóra, que o não sei, eu; mas o que nenhuma d'essas terras nem reinos deu, ao que se saiba, é homens para o mar como os nossos.

GIL

Como os havia de dar, se isto é empreitada que Deus reservou a christãos e quasi todos elles são gente de Mafamede?

DIOGO

Não singres tão enfunado n'essa parvoçada, que Christovão Colon, que vem de descobrir as ilhas Lucayas p'ra Hespanha, não é herege nem de sangue mourisco.

AFFONSO (*repondo com patriotismo*)

Mas antes que Colon levantasse ferro do porto de Palos, já Gil Eannes tinha dobrado o Cabo Bojador, já vosso pae Diniz Dias tinha descoberto Cabo Verde, Diogo Cão tinha corrido de Loango até Cabo Negro, descobrindo toda Costa da Cimbebazia, João Affonso tinha navegado ás costas de Benin, e vosso mano, o maior de todos os navegadores, Bartholomeu Dias, já tinha montado o Cabo da Boa Esperança.

Todos (*com enthusiasmo*)

E' verdade! E' verdade!

DIOGO

Oh! homem! Não te esbofes com tanto sangue na guelra, que não ha quem duvide de taes feitos.

AFFONSO (*um tanto ironico*)

Pareceis duvidal-o, vós, quando vindes a baila com o nome de Christovão Colon.

GIL

Que velhos embarcações juram e rejuram, ter elle na tal descoberta, seguido o roteiro d'um piloto portuguez, de nome Affonso Sanches, que morreu na ilha da Madeira e na casa do qual vivia o dito Colon.

FOGAÇA

Feito de mais alta monta é o de D. Vasco da Gama, na navegação que fez pelas Indias e na qual ganhou p'ra Portugal uma porção de reinos, onde não falta oiro nem prata, nem as pedras mais finas e ricas, e onde as especiarias abundam que é um nunca acabar.

AFFONSO

Mais alta empreza é de certo do que a das taes ilhas descobertas pelo Genovez.

GIL

E deveis saber-o á farta, porque por lá andastes marinhandando com D. Vasco da Gama em toda essa derrota da India, e pelo que conta Pero Escobar, pilô-

to de Nicolau Coelho, que tambem por lá singrou comvosco, tivestes occasião de lobrigal-o bem nos lances em que vos fez minga levar do montante, para mostrardes que ainda tinheis nas veias sangue do descobridor do Cabo Verde e do que primeiro dobrou o Cabo da Boa Esperança.

DIOGO

Ai! que vens de má sorte com tal lembrança dos Cabos.

GIL

E' que não sois mareante.

DIOGO

A' fê de christão velho, que não. Os meus ganharam a vida a descobrir cabos, e eu entrementes só descubro que taes cabos é que me hão de dar cabo da vida.

(*Todos soltam grandes risadas.*)

AFFONSO

Estaes sempre disposto á chalaça e comvosco nada se leva ao serio. (n. 7)

SCENA 2ª

Os mesmos e D. Beatriz

D. BEATRIZ (*sahindo da camara e tornando-se alegre por vel-os ainda em boa risada*)

Lembrança afortunada foi a minha vindo agora á tólda!

Diogo (*adeantando-se com modos galanteadores*)

A Sra. D. Beatrizinha tem sempre boas lembranças e esta foi das melhores, porque veio alegrar com o seu lindo porte e graças tão captivantes a monotonia em que já iamos aqui ha bom pedaço.

D. BEATRIZ

Monotonia... quando venho deparal-os a todos, em grupo tão jovial?!

AFFONSO

Lá isso é verdade. Quando o vento corre de feição e o mar não está de caramunhas, o embarcação sente allivio em desafogar a lingua.

D. BEATRIZ

Tanto mais n'uma viagem tão delongada! (*Vendo que os mareantes se afastam respeitosa e que os que jogam deixam de o fazer e levantam-se.*) Não se incomodem, homens! Já lhes tenho recommendado que não sou d'essas soberbas e que me apraz a convivencia de todos que sejam bons e honrados.

(*Diogo enlevado com este proceder de D. Beatriz volta-se para Affonso Lopes, com quem conversa.*)

FOGAÇA (*coçando a cabeça, com os olhos radiantes*)

A fidalguinha é mesmo uma joia como não se ha de encontrar oitra.

D. BEATRIZ (*sorrindo*)

Se me achas uma joia, o que has de dizer á tua noiva?!

(*Fogaça baixa os olhos a rir parvamente e coçando a nuca.*)

GIL (*troçando-o*)

O raio do matalote agora ficou engasgado de satisfação.

D. BEATRIZ (*dirigindo-se a Ribeiro que, logo que lhe ouvira a voz, despertara do abatimento, erguendo-se a contemplal-a com enlevo*)

E tu, alma penada? Sempre a sentires a dôr a cravar-te as garras no coração martyrisado e triste!

RIBEIRO (*melancolicamente*)

Vou consoante me quer o destino...

FOGAÇA

E' bem digno de lastima esse infeliz. Não ha p'ra elle horas de conforto nem de alegria!

D. BEATRIZ

Mas eu não quero vel-o assim tão atormentado. Affonso Ribeiro! Uma fatalidade injusta colheu-o nas suas tramas para transformal-o prestes em réo das justças do reino. A severidade das *Ordenações* iam leval-o á força. Valeu-lhe a intercessão valiosa de D. João Telles, fidalgo das côrtes que o tinha ao seu serviço, e a piedade de D. Leonor Telles que obteve de el-rei a commutação da pena de morte em degredo perpetuo. A meu pedido consegui que o embarcassem n'esta leva de infelizes que seguem para as novas terras. Não o conforta nem reanima a certeza de que hei de velar sempre por si... sempre?

RIBEIRO

Esse conforto, que só as almas celestes sabem deramar sobre os desventurados, é como a luz que n'uma floresta se mostra a guiar os passos do viajor extra-viado. Elle me alenta! elle me felicita. E' como um opio que me embriaga; e quando estou n'essa divina embriaguez sou o homem mais afortunado do mundo! Tenho deante de mim a luz consoladora que me falta, quando me interno pela floresta negra dos meus remorsos. Mas quando vos afastaes, quando se dissipa a embriaguez e volta a razão, quando se apaga a luz e voltam as trevas, todo eu tremo! Todo eu me convulsione de raivas e desesperos porque me despenho na terrível realidade! Sou um criminoso! Um transfuga da força que se vem esconder nos confins dos mares! Um desgraçado para quem não foi feita a felicidade. Que tem um coração para sentir e que não pôde... não deve sentir... nem amar!

(*No excesso da emoção, detem-se sentindo que não pôde dominar as lagrimas que lhe tomam a voz e lhe banham as faces; olha-a um instante e sahe arrebatadamente escondendo o rosto nas mãos.*)

D. BEATRIZ (*que fica contemplando-o*)

Se ha creaturas dignas de pena... é aquella uma d'ellas.

FOGAÇA

Dê-me licença a fidalguinha, que eu vou ver qu'elle não faça alguma.

D. BEATRIZ

Vae, que com esse proceder só revelas a boa alma que tens.

(*Fogaça sahe aos recúos, agradecendo enleado.*)

SCENA 3ª

D. Beatriz, Diogo Dias, Affonso Lopes, Pedro Gil e alguns mareantes

DIOGO

Ahi tem!... Ahi tem porque todos nós a queremos muito! E' porque a senhora D. Beatrizinha é sempre boa para todos.

D. BEATRIZ

Boa... Não sou tão boa como devera ser.

AFFONSO

E' feitio das santas, achar sempre pouco o muito que fazem.

DIOGO

Ah! se a não tivessesmos a bordo, com a delonga em que vae a derrota, eu por mim confesso, já estaria mumificado de tedio.

D. BEATRIZ

E' injusto.

DIOGO

Porque confesso a verdade?!

D. BEATRIZ

Porque depressa se olvida das horas de conver-

sação vivaz que costuma entreter com Pedro Vaz Caminha e em que folgo sempre de os ouvir.

DIOGO

O escrevente da frota deu ha dias p'ra ir com a cabeça enterrada na escripta das garbulhas que só elle percebe, tal qual como o physico João com os seus calculos dos astros e singraduras, que o hão de dar em doido varrido!

D. BEATRIZ

E' severo com o cirurgião de Sua Alteza.

DIOGO

Não hei de sel-o, se me vou aqui, vae para mais de quarenta dias, a azedar de monotonia! O senhor seu pae não larga os cadernos do assentamento das mercadorias de que é feitor; e agora por ultimo, Frei Henrique e os demais frades e clerigos, não cessam de rezas e mais rezas pelas Paschoas em que vamos.

D. BEATRIZ

E' que bem saudades fazem das Paschoas em Portugal.

DIOGO

Convenho, mas com o que tambem ha de convir a senhora D. Beatrizinha, é que tudo isto, misturado com o balanço de bordo, é muito bom... p'ra fazer dormir a quem soffrer de insomnias.

D. BEATRIZ (*sorrindo*)

Sempre ha de pôr um tom engraçado em tudo que falla.

(*Ouve-se uma sineta. Gil e os embarcações sahem.*)

DIOGO

Pilhas de graça quizera eu, inda que a troco de alguns annos, só para vel-a contente que nem um passarinho pela primavera.

SECNA 4ª

D. Beatriz, Diogo Dias e Isabel

ISABEL (*vestida de grumete*)

O capitão-mór manda chamar o soire Diogo Dias lá ao beliche.

Diogo (*n'uma reverencia cavalheiresca*)

Concede-me licença a senhora D. Beatrizinha?

D. BEATRIZ (*sorrindo*)

Ora boa pergunta, Diogo Dias! A' parte a galanteria que lhe agradeço, nem minga havia do seu pedido, quando se trata de um chamado do capitão-mór.

Diogo (*intencionalmente*)

E' que se aproovesse á fidalguinha...

D. BEATRIZ

O que?!

DIOGO

Dar-me ordem em contrario, veria então como passaria a cumpril-a com mais presteza...

D. BEATRIZ

Do que a ordem do capitão-mór?

DIOGO

E' exacto.

D. BEATRIZ (*depois d'uma risada*)

Ahi está uma maneira de chalaçar que ainda não lhe havia percebido.

DIOGO

Não é chalaça, juro!

D. BEATRIZ (*rindo*)

Antes de jurar tenha em mente que o capitão-mór o espera.

(*Recúa com certa faceirice, abrindo-lhe passagem.*)

DIOGO (*após fital-a um momento, com desanimo diz n'um longo suspiro*)

Meu pae e meus irmãos' ainda descobriram alguns cabos, mas eu julgo que vou p'ra cova sem descobrir cousa alguma. (*Sahe.*)

ISABEL (*que tem estado um tanto ao fundo, logo que sahe Diogo Dias desce rapidamente a D. Beatriz e tomando-lhe uma das mãos que beija soffregamente*)

Ai! minha rica senhora D. Beatrizinha.

D. BEATRIZ

Sucedeu-te algum mal?

ISABEL

Ainda não, mas ando com o coração mais pequenino que uma pulga, só de susto pelo soire capitão-mór, quando o vier a saber.

D. BEATRIZ

Continúa a manter o disfarce já que com elle quiz Deus que tu te embarcasses na frota, que logo que chegado tenhamos a Calicut, hei de fallar a meu amado pae e pedir-lhe que te deixe ficar connosco na feitoria.

ISABEL

A mim e mais ao Fogaça, que sem aquelle homem eu não sei o que ha de ser da minha vida.

(*Limpa uma lagrima ás costas da mão.*)

D. BEATRIZ

Então, pobre Isabel?! Se desfalleces no meio da jornada...

ISABEL (*atalhando-a em pranto*)

Coragem tenho eu tido e até de mais p'ras forças de uma fraca mulher. Parece-lhe, á fidalga, que foi pouco soffrimento o meu, quando como uma doida e mettida n'estes trajas aproveitei-me da barafunda do embarque para passar-me a bordo?

D. BEATRIZ

Já me contaste esse lance e não fôras tu arrastada pelo amor, que não terias forças para o vencer.

ISABEL

Ai! de certo que não! Quando cheguei a bordo da antiga *Berrio*, onde eu esperava que viesse o meu Fogaça como grumete e o não vi nem cara de conhecido, e senti o navio velejar barra fóra, ai! senhora

D. Beatrizinha, julguei de perder o juizo e dar em doida. Os olhos não se despregavam da terra que iamos deixando e entretanto a alma não se me queria arrancar de riba d'aquellas taboas que os ventos iam empurrando para o mar largo.

D. BEATRIZ

Comprehendo a tua afflicção, pobre mulher.

ISABEL

Matar-me! Acabar com tudo d'uma feita, foi a idéa que então começou a morder-me a cabeça como uma vespa que se aferra de rijo em cima de uma pelle de bom sangue. Matar-me, sim! Afogar no fundo d'aquellas aguas que se iam alargando em volta da náu, bem no fundo, toda aquella minha angustia, toda aquella minha desgraça!

D. BEATRIZ

E bem andaste, não o fazendo, porque a vida é mercê de Deus de que não podemos dispôr a nosso talante.

ISABEL

Sim, Deus valeu-me n'aquella afflicção.

D. BEATRIZ

Como nos vale sempre que lhe impetramos auxilio.

ISABEL

Elle amparou-me n'aquelle desespero em que me via perdida de todo! Quando sondava as aguas do mar,

decidida a precipitar-me nos seus abysmos, fui lobrigando as náus, uma a uma, todas de branco, na alvura do velame, que iam surgindo empavesadas que nem gaivotas rasgando as ondas e todas ellas velejando que nem bando de passaros brancos, na singradura talhada pela capitanea. Os olhos fugiram-me para aquellas azas brancas com que as náus voavam por sobre os mares. E lá me ficaram os olhos demorados e presos áquellas alvuras de linho que iam voando entre os mares e os céos... Tão demorados me ficaram os olhos, que, quando dei accordo de mim, tinha a alma a chamar-me com duas lagrimas que me desciam pelas faces abaixo.

D. BEATRIZ

Estavas arrependida?

ISABEL

Estava esperançada de que Deus não me tinha abandonado! de que o escolhido da minh'alma em algum d'aquelles navios iria e de que uma hora nos havia de dar Deus em que nos encontrassemos de cara para sermos felizes.

D. BEATRIZ (*sorrindo*)

Já te concedeu Deus essa hora, porque já viste o teu namorado.

ISABEL

Mas elle é que ainda não me viu. Quem sabe se com a separação dos mares o meu rico Fogaça nem mais se alembra de mim?!

D. BEATRIZ

Tem esperança e precavem-te para que elle não te reconheça antes de havermos chegado a Calicut.

ISABEL

Sim, porque se o soire capitão-mór vem a descobrir esta minha mascarada é capaz de metter-me a ferros no porão.

D. BEATRIZ

Felizmente, para ti, o maior perigo já é passado.

ISABEL

Ai! que ahi chega o soire capitão-mór.

(*Afasta-se para o fundo, sahindo logo que entra Cabral.*)

SCENA 5ª

D. Beatriz e Alvares Cabral

D. BEATRIZ (*indo ao encontro de Alvares Cabral que entra da direita*)

Virgem Senhora! Quando é que nos deixará ver terra, senhor capitão-mór?

ALVARES (*cingindo-a carinhosamente*)

Sabe-o Deus, que n'estas coisas do mar melhor vê que os nossos astrolabios.

D. BEATRIZ

Parece-lhe que já não tenho saudades de estender a vista sobre umas verduras de campo? umas arvores, uns montes, umas casinhas ao pé das arvores?... Tenho, sim. Já me enfandam tantos mares e céos,

porque me parece que estamos sempre no mesmo lugar.

ALVARES

Sentes-te enfadada, e entrementes tens ahi teu pae, tua mãe e teu irmão que, de tanto carinho com que te cercam, bem pouco tempo te hão de deixar a enjões.

D. BEATRIZ

E não é assim que os paes devem ser para os filhos?

ALVARES (*batendo-lhe meigamente nas faces*)

Deve sel-o, sim, minha avesinha palreira!... E só porque m'o pedes, só para te fazer a vontade, vou dar de prôa em terra muito breve para que te fartes de ver campos e montes, arvores muito verdes, casinhas muito brancas, e rostinhos formosos como o teu, minha feiticeirinha.

D. BEATRIZ

Ai! que o senhor capitão-mór está pensando que eu sou uma creança.

ALVARES

Queres que eu pense que és uma velhinha?

(*Apparece D. Constança sahindo da camara e que se detem á distancia contemplando a scena.*)

D. BEATRIZ

Está visto que tambem não! Mas quero que veja que

já não sou uma parvoinha que se engoda com figos seccos.

ALVARES

E quero eu levar-te de engodo?

D. BEATRIZ

Só um cego é que o não vê.

ALVARES

Como?

D. BEATRIZ

Dizendo que me vae mostrar terra com montes e campos, com casas e arvores... Ora ahi está uma coisa que o senhor, que manda em todo esse mundo de gente que vae n'esses navios, que póde tanto... não póde fazer.

ALVARES

Porque não o posso eu fazer?

D. BEATRIZ (*sorrindo com brejeirice*)

Porque o senhor mesmo não sabe onde está.

SCENA 6.^a

Os mesmos e D. Constança

D. CONSTANÇA (*descendo e reprehensiva*)

Beatriz, isso não são graças que se tenham com o senhor capitão-mór.

ALVARES (*com ar bondoso*)

Deixe-a, D. Constança Ayres... deixe-a garrular

ao livre alvedrio... E' um pintasilgo buliçoso que aqui levamos para nos alegrar a todos com a sua faceirice.

D. CONSTANÇA

O senhor D. Alvares Cabral o que tem é excessiva bondade, e é por isso que ella abusa ás vezes de vossa mercê.

D. BEATRIZ (*surprehendida*)

Abuso?!

D. CONSTANÇA

Como diz o proverbio: o senhor capitão-mór deute o pé e tu já lhe tomaste a mão.

D. BEATRIZ (*abraçando-o*)

Pois se eu lhe quero tanto bem... Tanto!

ALVARES

Deus avaliando as saudades que eu teria de curtir em tão demorada derrota, mandou-m'a a alliviar a alma n'estas solidões de mares tão longos e tristes. (*Tomando-lhe o rosto entre as mãos e fixando-a paternalmente*) Não é verdade que Deus mandou-te n'esta viagem para me desannuiar as maguas, lindo pintasilgo?

D. BEATRIZ (*admirada*)

Maguas?! Então um homem fidalgo tão valoroso como vossa mercê, a quem todos se curvam, desde os fidalgos do foral de Belmonte até os capitães de doze náus que ahi vão, sob vosso mando e poder...

ALVARES (*sorrindo com bondade*)

Vê lá até onde queres subir, nos degraus da minha hierarchia?!

D. BEATRIZ

Vossa mercê tambem se annuvia de penas e maguas, como eu... ou como outro qualquer?!

ALVARES

Forte duvida! Pois como qualquer outro ou como tu, não sou eu uma creatura?

D. BEATRIZ

Julgava eu que os guerreiros como vós, não sentiam penas nem maguas.

D. CONSTANÇA

Que cabecinha doida!

ALVARES

Fôra preciso que o guerreiro não fosse um homem! Mas são homens os guerreiros! Deu-lhes Deus a bravura mas deu-lhes tambem a alma que é a grilheta que nivela as creaturas, no sentir e no soffrer. Sentem e soffrem os heróes, e, ás vezes soffrem e sentem tanto, que o brilho da gloria não consegue espancar-lhes a sombra da tristeza que lhes ennegrece o coração. De que me vale, a mim, o mando que tão alto entóas, se em meio dos perigos da guerra ou das luctas do mar, soem muito embora aos meus ouvidos os hymnos de triumpho, a imagem da esposa amada e dos meus filhos caros não brilha encantadora deante dos meus olhos?!

D. CONSTANÇA

E bem justas vos são as saudades pela senhora
D. Izabel de Castro, vossa esposa.

ALVARES

Parece-te que ha triumpho que encha a cabeça de um pae a ponto de não lhe deixar lugar para pensar em seus filhos? Bem o sinto que não, pois que as recordações da familia acompanham-nos sempre brilhando e refulgindo no fundo negro da nossa tristeza, como as estrellas brilham e refulgem no tecto da noite. E' que as saudades são as estrellas pallidas da grande noite da ausencia.

D. BEATRIZ

Pois se o mar já é uma melancolia constante diante dos olhos... Quando voltar a Portugal, que a Virgem Senhora de Belém permitta que não demore muito, hei de contar ás vossas filhas toda esta tristeza em que vos hemos visto.

ALVARES (*fixando-lhe o rosto com enlevo*)

E tu que parecees tanto com a minha Guiomar de Castro! (n. 8) Quando me vens com a tua garrulice, meu lindo pintasilgo, fico horas esquecidas assim, gabolando comtigo, como se fôra uma creança da tua idade, porque tu me allivias a alma e dás-me o que os outros não me podem dar: que é a alegria e a felicidade paterna.

(*Ouvem-se rumores de alegria.*)

D. CONSTANÇA

Que rumores são estes, senhor capitão-mór?
(*Affonso Lopes apparece no tope da escada.*)

D. BEATRIZ (*assustando-se*)

Algun perigo?

ALVARES (*a Affonso Lopes, que examina soffregamente o mar*)

O que ha, Affonso Lopes?

AFFONSO

Signaes de terra, capitão!!

ALVARES E AS DUAS (*com alegre surpresa*)

Terra?!!

AFFONSO (*alegremente*)

Umás plantas de folhas compridas que vêm pelas aguas avante mesmo de abalrão com a prôa da capitanea. (n. 9)

D. BEATRIZ (*alegre*)

Terra!!

ALVARES (*abraçando D. Beatriz radicante de alegria*)

Ahi tens satisfeito o teu desejo, minha filha.

(*Vão entrando diversos mareantes e pagens, que curiosamente vão trepando á amurada para sondar os mares.*)

SCENA 7^a

Os mesmos, Diogo Dias, Fogaça, Vaz Caminha e Pedro Gil

DIOGO (*muito solícito a D. Beatriz*)

Alviçaras, alviçaras, senhora D. Beatrizinha!

(*Alvares vai para a escada sondar os mares.*)

D. BEATRIZ (*chalaçando*)

Tarde piou... Já sei que se descobrem signaes de terra.

DIOGO (*estacando despeitado*)

Ando nas descobertas e não descubro coisa alguma.

FOGAÇA (*trepando na borda*)

Que dianhos de sargaços são aquelles tão extranhos dos nossos!?

D. BEATRIZ (*a Vaz Caminha que vem entrando com olhos perscrutadores*)

Só assim teríamos o mestre Vaz Caminha arredado das suas escriptas.

(*Vaz Caminha retruca-lhe em voz baixa.*)

AFFONSO

Olhae acolá... alli, capitão! Aquella herba co-nheço-a eu bem, é a herba botelho. (n. 10)

(*Diogo dirige-se ao grupo do fundo.*)

D. CONSTANÇA (*a Vaz*)

Estaremos na India?!

VAZ CAMINHA

«Amorados como viemos por este mar de longo» e sem termos dobrado o Cabo da Boa Esperança, o que devemos é estar perto d'alguma ilha nova.

FOGAÇA (*indicando um ponto*)

Mirem! Mirem quanto rabo d'asno vem acolá boiando. (n. 11)

GIL

Boas Paschoas são estas que nos dá a Senhora dos Navegantes.

FOGAÇA (*D. Constança dirige-se ao fundo.*)

Por que nos deixa ver tanto rabo d'asno?

GIL

Não, grumete d'uma figa! Porque nos dá a ver signaes de terra firme.

(*A scena vai enchendo-se dos marcantes, pagens, clerigos e franciscanos. Affonso Ribeiro apparece e detem-se triste contemplando D. Beatriz.*)

SCENA 8ª

Os mesmos, Ribeiro, clerigos, franciscanos e mais tripolantes

(*Vaz Caminha dirige-se curiosamente para o fundo. D. Beatriz vai a segui-lo e detem-se logo deparando com Affonso Ribeiro a quem se dirige com ternura*)

D. BEATRIZ

Veio espiaecer os olhos na vista da terra nova?

RIBEIRO

Quando se traz a desgraça em cima dos hombros, em toda parte é lugar de soffrer!

(*D. Beatriz falla-lhe confortando-o.*)

ALVARES (*em tom de mando ao timoneiro*)

Orça a barlavento! (*a Affonso Lopes*) Não ha duvida! Não ha duvida que a terra deve estar perto.

DIOGO (*a um franciscano que lhe falla ha pedaço*)

O succo do rabo d'asno sorvido pelo nariz, faz parar os fluxos do sangue.

RIBEIRO (*a D. Beatriz*)

Não ha mais regeneração que me tire esta pecha maldicta de cima do nome! Sou um degradado, um criminoso que já teria acabado n'uma forca se a piedade da fidalguinha não tivesse baixado sobre mim como uma benção da Virgem Senhora.

(*Ajoelha-se beijando-lhe a mão.*)

FOGAÇA (*sempre enlevado com o que vê*)

Olhem! olhem quanto passaroco alli voando nos ares. (n. 12)

RIBEIRO (*limpando as lagrimas emocionado*)

Nunca o hei de esquecer nem que viva cem annos.

AFFONSO

O' capitão, repara e bem que aquelles passaros que alli andam aos bandos são os fura-buchos! conheço-os como os meus dedos.

CAMINHA

Terra! Lobriguem bem que lá longe vem surgindo um monte redondo. (n. 13)

ALGUNS MAREANTES

Vejo! Vejo!

D. BEATRIZ

Que quer que eu faça para acabar com essa tristeza que tanto o consome?

RIBEIRO

Uma derradeira esmola!

D. BEATRIZ

Affonso Ribeiro!...

RIBEIRO

Acabam de annunciar vista de terra! Peço-vos pôr essa bondade de santa com que tendes valido á minha desgraça, que obtenhaes do capitão-mór a graça de me deixar ficar n'essa terra, qualquer que ella seja, pois por maiores que sejam os perigos que eu tenha de affrontar, elles me serão menos penosos do que o peso da vergonha que eu sinto dos homens e... e de vós, de quem até sou indigno de beijar os pés.

(*D. Beatriz vae a fallar e detem-se, vendo D. Constança que se lhe dirige.*)

ALVARES (*radiante em cima da escada*)

Terra! Sim, terra!

SCENA 9ª

Os mesmos e Isabel

ISABEL (*alvorçada de alegria dirige-se brusca-mente a D. Beatriz*)

Ai! minha rica fidalguinha, já estaremos em Calicut?

ALVARES

Não ha duvida. E' terra o que além lobrigamos. E já que Jesus Christo nos galardôa no segundo oitavario da Paschoa, com a divina graça de conceder-nos á vista uma terra nova, seja esta terra que ao longe vimos surgir das aguas como uma visão, como um sonho encantado de navegante; seja esta terra consagrada em louvores a Christo.

Todos (*que o têm ouvido em crescente entusiasmo e fervor religioso prorompem com alvoroço*)

Sim! Sim! louvores a Christo!

ALVARES (*continuando*)

E' o filho de Deus que nos tem guiado n'esta derrota. E para bem prova-o, quando não bastasse o rumo da via-lactea, que desde o occidente nos vem acompanhando pelas alturas e reflectindo nos mares o caminho da navegação, ahi estava essa brilhante cruz de estrellas que ha algumas noites nos apparece nos céos, tombada no caminho de S. Thiago, como indicando o termo á singradura das nossas náus e caravellas.

FREI HENRIQUE (*solemne em meio da tolda e erguendo os braços para o céu*)

Hosannas! Hosannas a Jesus, o filho de Maria!

Todos

Hosannas! Hosannas!

(*Affonso Lopes, que tem sahido para a camara,*

reapparece n'este momento trazendo a bandeira do 1º acto, e dobrando o joelho entrega-a a Frei Henrique.)

ALVARES

Ahi tendes o pendão de Christo! elle é para nós a patria e a religião. (*Todos se ajoelham reverentes e em disposição scenica ao centro da nave. Frei Henrique cercado pelos frades e clérigos ajoelhados mantem-se de pé alçando a bandeira.*) Onde quer que o levemos, estará com elle e comnosco a soberania de Portugal. Em nome de Portugal e em louvor a Christo eu Pedro Alvares Cabral, baptiso aquelle ponto que nos indica terra por Monte Paschoal, e a terra que o cerca, por grande ou pequena que ella seja, será d'ora avante chamada Vera Cruz! (n. 14)

FREI HENRIQUE (*estendendo a dextra*)

Deus abençõe, Vera Cruz!

Todos

Deus abençõe, Vera Cruz!

(*Quadro. Desce o panno*)

FIM DO 2º ACTO

TERCEIRO ACTO

TERCEIRO ACTO

A scena representa um lindissimo trecho da natureza brasileira, em Maio. Arvores de diversos tons verdes, enfloradas de amarello, vermelho e rosa, estendem suas grandes cópas formando gracioso arco que deixa ver ao fundo, após os pequenos rochedos da costa, o mar vasto e illuminado pelo sol; das arvores pendem cipós diversos e guirlandas floridas de trepadeiras e parasitas. Para a esquerda eleva-se a scena n'uma proeminencia de terra atapetada de gramineas e onde a seu tempo será levantada a cruz e armado o altar. Ao fundo, sobre o mar e a distancia, destacam-se algumas náus e caravellas da frota de Alvares Cabral.

SCENA 1ª

O bacharel João, Affonso Lopes, Isabel,
Cacique e indios

(A um lado da scena está armada uma tripeça e sobre esta o velho astrolabio de pau, junto um tamborete de bordo, no chão uma carta de marear e as taboas de declinação do sol. Ao erguer o panno o bacharel João, sentado no tamborete, está em observação no telescopio, amparado por Isabel ainda vestida de grumete. Ao lado Affonso Lopes, de pé, voltado para João; e, em semicirculo, por fóra d'estes, diversos indios admirados acompanham com interesse e espanto a scena.)

AFFONSO

Tomae lá as alturas do sol como quizerdes, que haveis de accordar nos meus calculos e nos de Pero Escobar, que bem pratico é d'estas singraduras.

João

Articum et medicinæ bachalarius! (n. 1) De pouco

me valeriam estudos, se o que tenho aprendido fosse do talão da vossa sabença e do que conhecem pilotos da carreira das Indias. (*Tendo-se voltado para Affonso, querendo agora retomar a primitiva posição solta um gemido cavernoso, levando as mãos á perna direita.*) Ui! cá tenho a maldicta dôr.

ISABEL

O' soire cirurgiano João! Quer vossa mercê que eu lhe vá buscar um pouco de unto sem sal p'ra poer ahi na perna?

João (*nervosamente irascível*)

Quero que mettas a sabedoria no bucho e não venhas com conselhos de medicina a um cirurgião de Sua Alteza.

(*A este tempo Affonso Lopes tem se voltado para os índios com quem se entretém com mímicas, a que elles acodem em magotes fazendo-lhe acenos acompanhados de vozes baixas e gutturaes.*)

SCENA 2ª

Os mesmos e Vaz Caminha

VAZ (*com um rolo de papeis detem-se sorrindo*)

Ora valha-te Deus, mestre piloto! Estás n'umas cabriolas de corpo que nem Diogo Dias quando se faz de moço cavalheiresco diante de D. Beatriz Ayres.

CAIQUE (*Os índios acercam-se risonhos de Vaz*)

Endureçô óca? (a)

(a) Tu vaes á casa?

INDIOS

Endureçô óca?

(*Vaz responde-lhes por gestos.*)

AFFONSO

O demo que os entenda.

VAZ

Heis de convir que mais nos estimam elles a nós, do que nós a elles. (n. 2)

João (*gritando a Isabel que se tem afastado para junto de Affonso Lopes, interessada em ver os índios*)

O' grumete d'um corisco, não te safes d'aqui se não me queres ver de candeias entornadas.

(*Isabel safa-se correndo para junto d'elle. Vaz dá uma carapuça que tira do corpete a um índio, que lhe dá o arco e a flecha.*)

INDIO (*que recebeu a carapuça mirando-a satisfeito*)

Acangatar! (*Põe na cabeça e aponta ao longe sahindo*) Yxeaçô taba! (b)

INDIOS (*seguindo-o alegremente*)

Yandeçô taba! (c) (*Sahem*).

VAZ

Vêde como por uma velha carapuça dão em troco as suas armas de guerra. (*Mostra o arco e a flecha com que ficara.*)

(b) Eu vou á aldeia.

(c) Nós vamos á aldeia.

AFFONSO

Lá mansos são elles, valha a verdade, e tão mansos que um d'elles ha dias serve de pagem a Simão de Miranda, dando boas mostras de esperto e dedicado. (n. 3)

VAZ

Se sua alteza voltar cuidados para essas terras, mandando para cá ministros de Deus e bons feitores, estou seguro de que isto é gente que facilmente acceta baptismo e entra na fé da nossa religião.

AFFONSO (*enthusiasmado*)

Olhem que veio mesmo do céu aquella força de vontade com que o capitão-mór fez toda a armada safar-se da costa; outro qualquer que não fosse elle, que é varão dos taes dantes quebrar que torcer, teria voltado de crêna, para isso não lhe faltaram rogos de velhos capitães, nem perigos do mar... mas, o soire D. Pedro Alvares Cabral, que é um portuguez de peso, gritou-lhes:—Para cortar o mar alto é que somos mareantes.

VAZ

E todos se coseram comsigo de envergonhados.

AFFONSO

E elle engolphou-se no oceano austral por trinta dias, e ao cabo foi esta belleza; uma terra linda a valer.

João (*voltando-se para Vaz*)

E que está arrumada a dezasseis grados do equador para o sul, muito embora teimem do contrario os mestres pilotos. (n. 4) Ah! mas a contra-prova havemos de tiral-a a limpo no Cabo da Boa Esperança.

VAZ

Não seriam mais seguros os vossos calculos, se vos aproveitasseis do novo astrolabio de mestre Martim do Fayal?

AFFONSO

E que lá está a bordo, na camara do capitão.

João (*encolerizado*)

Invenções novas! Invenções novas!

VAZ

Do que aprendeu com mestre Joseph, com mestre Rodrigo, e, mais que todos, com mestre Joannes de Monte Regio, é que Martim da Bohemia aperfeçoou a arte de navegar-se pelas alturas do sol, fazendo o novo astrolabio de metal.

João (*com modo irascivel*)

São novidades que só hão de ter prestimo quando forem velhas... Cá por mim tenho mais confiança no velho astrolabio, que foi com elle que os nossos descobriram terras ignoradas e que deram razão de justiça a D. João II obter de Alexandre VI a bulla de 7 de Junho de 1494. E olhem bem que sobre as cem leguas de linha imaginaria, traçada pelo papa para

dividir as conquistas de Portugal das de Castella, foi ainda com estes velhos astrolabios que os nossos navegantes deram razão a ser augmentada a nossa partilha de mais 270 leguas, de norte a sul, a partir da ilha de S. Antão para o poente. (n. 5)

AFFONSO

Quem eu vos queria á mão n'estas perlengas era Pero Escobar, que teima e torna a teimar em como estamos a 660 leguas da illha S. Nicolau.

João

Audacia fortuna juvat! A teimosia de uns tantos ignorantões é que lhes dá fóros de sabença entre os cegos. (*Suspende-se de subito n'um gemido.*) Ai! a maldieta dôr não me larga esta perna.

SCENA 3.^a

Os mesmos, Alvares Cabral, Nicolau e mareantes

ALVARES (*que vem admirando a paisagem e em colloquio com Nicolau*)

Não se me cansam os olhos de admirar os encantos de que esta terra é tão abundante.

NICOLAU

E taes encantos ainda se fazem mais bellos em vista do modo hospitaleiro com que nos recebem os seus habitantes, que bem diferentes se mostram dos cafres e moiros de Moçambique, Quilôa e Calicut.

VAZ

Esses por lá só receberam os nossos com traições...

NICOLAU

E estes são tão bons e affeioados que, quando vimos á terra, fazer aguada, até nos ajudam a encher as pipas e a carregar de lenha os bateis. (n. 6)

AFFONSO

Que estes eram mansos percebi eu logo, quando por mando do capitão-mór vim no esquite sondar a natureza da terra. (n. 7)

ALVARES

Dou-te as minhas alviçasas, Nicolau Coelho, por haveres sido o primeiro que teve a dita de pôr pé em terra tão ditosa. (n. 8)

NICOLAU

Porque vós assim o ordenastes, senhor D. Alvares Cabral. E dae-me licença a que vos confesse que não sei que alegria maior foi a minha, se aquella em que dei novas da descoberta da India a D. Manoel de Portugal, ou se aquella em que, cumprindo as vossas ordens, regresssei á capitanea levando-vos dous indios que encontrei pescando n'uma almadia.

ALVARES

Tão grandiosa foi a fortuna que levantava terra tão linda á prôa das nossas náus, que eu duvidei crel-a, pois que me parecia um sonho. E, em verdade, não dando inteiro credito ás noticias que da costa me trouxe Affonso Lopes, pois que é da fraqueza humana o

duvidar sempre do primeiro successo da fortuna, quiz eu mesmo que tu, velho lobo marinho, affeito aos perigos da guerra e a vencer ciladas e traições do gentio, fosses com teus proprios olhos ver e sondar de que nova terra eramos nós os afortunados descobridores.

NICOLAU

E oito sóes que hoje se completam depois que saltei n'estas costas, apoiam com bons dados, de que mais uma joia descobrimos para a corôa de Portugal.

ALVARES

Dizes bem... uma joia.

VAZ

Que a natural bondade d'esta gente torna ainda de mais valor.

ALVARES

Dizem a verdade! Parece que a mão de Deus nos encaminhou n'esta navegação, em que escapos de perigos de monta, viemos aproar á maravilhosa terra em que a natureza parece ostentar as suas mais ricas pompas! - Como em volta de nós tudo é grande e soberbo! Como a terra se mostra verdejante e florida, n'esta tapeçaria de cores, que encantam os olhos, e n'esta abundancia de aves, que nos deliciam os ouvidos! Foi Deus, sim, foi Deus que aprouve dar-nos esta ventura! Consagremos-lhe hoje, 1.º de Maio, dia do seu apostolo S. Thiago, um officio de infinitas graças!... Vae tu mesmo, Affonso Lopes, vae e dá pressa a que tragam para estes sitios o santo lenho que hontem fa-

bricaram a meu mando. (*Affonso sahe com os mareantes que vieram com Cabral.*) Será a nossa despedida a Jesus Christo n'esta encantadora terra da Vera Cruz.

NICOLAU

Largamós sempre amanhã, capitão?

ALVARES

Assim o tenho entendido.

VAZ

O navio de Gaspar de Lemos já está aprestado, consoante as vossas ordens para voltar ao reino, a levar as noticias da descoberta.

ALVARES

Fizeram já o trasbordo de toda a carga dos viveres?

VAZ

Trabalhou-se a valer, mas baldeamos os comestiveis e tudo o que vinha a bordo do navio de Gaspar de Lemos, repartindo pelas outras náus e caravellas, conforme o ia querendo e mandando o feitor Ayres Corrêa.

CABRAL

E estão a bom resguardo as coisas e artefactos que seguem para el-rei, como lembrança e mostra do que por cá coihemos d'estas gentes?

VAZ

Tudo dispuzemos em ordem para que chegue ás mãos de sua alteza sem risco de avaria.

CABRAL

Apraz-me sabel-o.

*(Dirige-se ao cirurgião, com quem falla em voz baixa.)*NICOLAU *(a Vaz)*

Heis de convir que vae ser uma nova que muito ha de alegrar sua alteza.

VAZ

E alegria vae ser essa, inda maior, quando o Senr. D. Manoel lér a carta que tenho em mãos e que só hei de fechar á ultima hora, em a qual mando relação meúda de tudo que por cá hemos visto e mirado. (n. 9)

João *(a Cabral com azedume nervoso)*Este raio de perna, que mais se tem aggravado com a viagem, é que põe dobrado trabalho em tudo a que me empreito! Ainda quando estou deitado e com ella ao longo do enxergão, bem vae; mas se me levanto... *(Gemendo)* Ai! Cá tenho a maldicta a ferrar-me os ossos.

ALVARES

Dae pressa ás demarcações, para as remetter amanhã a sua alteza.

João

Crêde que n'ellas voto todo o meu empenho.

ALVARES

Vaz Caminha, dize que finquem o madeiro aqui n'esta collina, sobranceiro ao mar e á angra que nos

offereceu porto seguro. (n. 10) Já estarei de volta... Vamos, Nicolau Coelho, vamos saciar bem os olhos de todas estas maravilhas da natureza que, quanto mais admiradas, mais bellas se vão tornando. *(Sabe com Nicolau Coelho.)*

SCENA 4ª

Bacharel João, Vaz Caminha, Isabel, depois Fogaça, Affonso Ribeiro, Cacique, indios e indias

VAZ

Oh! physico João, que ilha vos parece ser esta na repartição da terra? Cá a mim dá-me algo que pensar, visto o desvio em que ella se acha da singradura do caminho das Indias.

João

E' coisa essa em que um homem póde asneirar de grande, em sacrificio da verdade. Errarum humanum est! Mas pelo que tenho colhido, desde que aqui amainamos, esta póde mui bem ser a nomeada ilha de que falla Platão... et Atlantis insula similiter in mare submersa disparuit. (n. 11)

ISABEL

Oh! soire cirurgiano. Vossa mercê é que bem ha de entender o que fallam os hereges d'esta terra!?

João *(admirado)*

Porque, machacaz?

ISABEL

Porque vossa mercê ás vezes dá, como agora, p'ra

linguajar umas coisas que não ha christão que entenda.

João (*n'um assomo colerico e tomando o bastão que tem ao lado*)

Oh! parvajola ruim!

(*Isabel foge-lhe, voltando depois com precaução*)

VAZ (*acalmando-o*)

Deixae-o boquejar sandices e esclarecei-me antes n'este empenho... Porque suppondes ser esta a Atlante de que fala Platão?

João

Não só Platão, tambem Plutarcho e Theophrasto, p'ra não citar mais meia duzia. (n. 12) Accordes são elles em que os phenicios africanos, por eras remotas, navegando p'ra fóra das columnas de Hercules, que estavam na bocca do Mediterraneo, foram levados das forças dos ventos a uma ilha de notavel grandeza, fronteira a Africa e que corria á parte do poente.

VAZ (*curiosamente*)

Calcula então vossa mercê?...

João

Relatam mais os antigos philosophos: que o corpo d'essa ilha de Atlante, era maior que toda a terra da Africa e Asia, mas que uma alluvião de aguas, n'um grande terremoto, havido ha seculos atraz, submergiu-a em mares... Et Atlantis insula similiter in mare submersa disparuit. (*Ouindo Isabel, que lhe está perto, a*

rir do texto latino, trava do bastão.) Oh! perro d'uma figa!

ISABEL (*sem poder suffocar o riso*)

E' que vossa mercê quando palra essas coisas parece que está de chacota com a gente.

(*Tapa a bocca com as mãos suffocando o riso.*)

VAZ (*preoccupado com a narração*)

Mas se a Atlante foi submergida...

João

Não o foi completamente... Ficaram alguns restos de terra dispersos, á maneira de ilhas, por esses mares que se ficaram chamando Atlante, e d'essas ilhas quer-me parecer que esta seja a maior e talvez a matriz das que porventura ainda por ahi se encontrem.

VAZ

Por esse pensar devemos entender que a gente que aqui topamos descende dos phenicios?!

João (*balançando a cabeça*)

Oh! isso é obra para muitos annos e annos de estudo! e ainda assim nada se poderá resolver ao certo. Pois temos os navegantes de Salomão, que iam a todas as partes do mundo, e assim como tinham artes de navegar do Mar Vermelho até á Hespanha e á Phenicia, do mesmo geito poderiam ter velejado por estas bandas. Temos ainda aquella tribu dos antigos judeus do tempo de Ozéas que...

ISABEL

Ah! falle-nos assim! De judeus... só de velhos judeus é que estes hereges podem descender, pois que nem pejo têm de andar mostrando as suas vergonhas.

JOÃO (*com modos irritados*)

Chegado que eu haja a bordo da capitanea hei de pagar-te o seres tão abelhudo.

(*Vaz falla-lhe em voz baixa.*)

SCENA 5ª

Os mesmos, Fogaça, Ribeiro e índios

FOGAÇA (*sobrazando arcos, flechas e cocares, apparece seguido de Affonso Ribeiro, do Cacique e dos índios; vem alegremente trazendo um cocar á cabeça*)

Ora viva a boa companhia!

(*Dirige-se para João.*)

ISABEL (*assustando-se ao vel-o e n'um grito foge a correr para o fundo*)

Elle!

FOGAÇA (*estatelado e admirado*)

Que dianho terá aquelle rascão que mal lhe ferro o luzio dá logo de gambias?!

(*Por acenos chama Isabel e vendo que esta não se chega dirige-se para ella. Isabel quando lhe percebe o intento procura fugir-lhe, dando uma volta e sendo sempre perseguida desaparece-lhe, correndo no encalço Fogaça. Alguns índios que viram a scena seguem-nos rindo e fallando entre si. Ribeiro tambem entra trazendo diversos objectos selvagens e tem-se dirigido a Vaz com quem falla.*)

VAZ

Foste melhor succedido d'esta feita, Affonso Ribeiro?

RIBEIRO

De pouca monta me serviu a jornada. Fiz-me de boa companhia com os índios, tal como me ordenara o capitão-mór e com elles me embrenhei n'essas mattas, talvez para mais de uma legua, indo dar a uma especie de aldeia de poucas cabanas, estreitas e compridas, cobertas de fetos e palmas seccas e um tanto parecidas com aquellas nossas de Entre Douro e Minho. (n. 13)

VAZ

Lá n'isso são mais felizes que os israelitas que, quando se acharam no deserto, tiveram luz e maná, mas não tiveram casa.

RIBEIRO

Deram-me bom agazalho, mas não quizeram que eu lá ficasse entre elles. De indole tão sã é esta gente, mestre Vaz Caminha, que tendo lá um d'elles me tirado esta enfiada de continhas amarellas (n. 14) que trago ao pescoço, mal os outros o souberam correram, correram logo no ençalço do ladrão e breve tornaram a dar-me as contas e fazendo-me gestos para que voltasse aos meus. Não vistes como procederam hontem á noite, quando os nossos se safaram para bordo e me deixaram em terra, para que eu dormisse entre elles?!

VAZ

Fizeram tal alarido de vozes para as náus, que o capitão-mór entendeu ser melhor mandar-te buscar. (n. 15)

(*Os índios e cacique têm-se aglomerado curiosos em volta de João, tão curiosos que o Cacique tendo-o visto espiar no astrolábio vai a imital-o.*)

CACIQUE (*indo a espiar*)

Areçó-xerepycô. (d)

João (*afastando-os de mau modo*)

Arréda! Arréda, que isto não são prendas p'ra phariseus.

CACIQUE (*apontando para o astrolábio*)

Areçó-xerepycô.

João (*com escarninho*)

Tu é que me tens mesmo ventas de charapicoco.

INDIOS (*insultando-o*)

Tapuy-tinga! Tapuy-tinga! (e)

VAZ

Lá está o physico João ás turras com elles.

(*Dirige-se com Ribeiro aos índios a quem por gestos procuram pacificar.*)

CACIQUE (*aos outros índios apontando alegremente Ribeiro*)

Abá angaturama! Abá angaturama! (f)

(d) Tenho a vista aguda.

(e) Barbaro' branco.

(f) Homem bom.

VAZ (*a Ribeiro*)

Pelos modos elles gostam de ti!

RIBEIRO (*melancolicamente*)

E como é entre elles que eu vou ficar para sempre, quer a Virgem Mãe que eu comece por aprender desde já, que os brutos sem Deus e sem religião, são menos maldosos ás vezes do que aquelles que campam de humanos e christãos.

(*Fica pensativo. Os índios vendo-o triste, perguntam por acenos a Vaz o que é que elle tem. Isabel apparece correndo, escapando-se de Fogaça que a persegue, e, n'uma negaça de corrida que faz áquella, junto a João, Fogaça embaraça-se na tripeça do astrolábio e cahindo tambem espapaçado.*)

João (*encolerizado*)

Raios te partam, andarilho do inferno.

(*Ribeiro corre a recompôr o instrumento, visto que Fogaça se safá logo a perseguir Isabel.*)

FOGAÇA

Hei de conhecer-te a carranca indas que saltes que nem um lebreu.

(Desapparece. Os índios seguem-no.)

João (*voltando-se para onde sahira Isabel*)

Vem cá, grumete! Olha que te racho se te safas d'aqui. (*Gemendo*) Ai! Raio de perna que não me deixa galgar no pizo d'aquelle escommungado! (*Vaz Caminha vendo-o afflicto e sem poder avançar um passo vai amparal-o.*) Obrigado, Vaz Caminha... Coube-me em sorte

um raio de rapaz, que deu p'ra andar em desfiladas á maneira d'esses indios... Vou vendo que são vícios da terra. (*Apparece D. Beatriz que entra com Antonio Ayres, joven fidalgo, que vendo-o coxear corre a amparal-o. Beatriz detem-se olhando para Ribeiro com emoção. Este de enleado, baixa os olhos, ficando como petrificado.*) Ah! meu gentil Antonio Ayres... Servi-me de mulêta já que as pernas não me deixam caminhar... A senhora vossa mana dá-vos licença...

VAZ (*conduzindo-o com Ayres*)

Quereis ir p'ra bordo?

João (*sahindo amparado*)

Levae-me até o batel, que preciso safar-me p'ra capitanea e fazer curativos n'esta trave podre que me está ralando de dôres. (*Sahem*)

SCENA 6ª

D. Beatriz e Ribeiro

RIBEIRO (*a Beatriz com ternura*)

Tambem aprouve á fidalguinha vir conhecer a terra do degradado?

D. BEATRIZ

Permittiu-me, minha mãe, que eu cá viesse em companhia de meu irmão Antonio Ayres, porque lhe pedi a graça de me deixar ouvir a missa que se vae celebrar.

RIBEIRO

A segunda... e talvez a ultima que ouviremos n'estas terras.

D. BEATRIZ

Como não assisti a primeira, deu-me ella esta licença. Mas para que hei de negal-o... a si? Que Deus me perdôe!... mas o meu maior desejo era caminhar a ver a terra onde vae ficar para sempre.

RIBEIRO

Que a Virgem Santissima vos pague esse balsamo com que vindes dar forças a minha alma para suportar a vida do degredo.

D. BEATRIZ

Não m'o agradeça!

RIBEIRO

Ahi volto eu áquella embriaguez deliciosa que me transporta á região dos anjos e das santas... Obrigado, senhora. Quando amanhã apagar-se no extremo azul dos horisontes a derradeira alvura, da derradeira vela das nossas náus... Quando a ultima vaga rebeantar de encontro aos escolhos da costa a espuma levantada pela quilha das caravellas que lá se foram... Quando esta terrivel realidade cahir sobre a minha cabeça como um sonho atordoante, e, em volta de mim nada mais exista do que o desconhecido na terra e Deus nos céos — ainda assim ficar-me-hão, como prendendo-me da morte á vida, os vestigios da vossa passagem por esta terra... Por onde caminhastes com os pés, irei eu, com a bocca e com os olhos, regando de beijos e lagrimas a estrada do meu Calvario.

D. BEATRIZ (*com voz suffocada*)

Não continue... Não continue que bem pungida me põem taes palavras.

(*Afasta-se procurando esconder e reagir contra a extranha emoção que a sensibilisa.*)

RIBEIRO (*comsigo dolorosamente*)

Desajuizado que sou! Alma nefasta, maldicta alma esta minha, que por onde roça deixa o visgo e a peçonha dos reptis.

(*Cahe sentado sobre uma pedra ficando meditabundo. Isabel entra offegante e corre a precipitar-se aos pés de D. Beatriz.*)

ISABEL

Valei-me vós, soira D. Beatrizinha!

(*Toda tremula agarra-se ao vestido de D. Beatriz que fica surpresa.*)

FOGAÇA (*correndo para Isabel*)

Pilhei-te, meu pernas de galgo.

D. BEATRIZ (*interrompendo-o*)

Fogaça!

FOGAÇA (*reconhecendo Isabel e recuando estupefacto*)

A Zabella aqui?

D. BEATRIZ

Porque te ama!

FOGAÇA (*aparvalhado de alegria*)

Mas... mas é ella mesma! A minha Zabella que deixei lá no Restello?!

ISABEL

E antes queria ir p'ra cova, a ter de ver-te partir sósinho por estes mares.

FOGAÇA (*n'uma explosão boçal de alegria*)

Ah! cachopa de mil dianhos! Ferra-me de lá um abraço que me estoire as costellas.

ISABEL (*indo abraçar-o radiante de prazer*)

Ai! meu rico João Fogaça!

(*Abraçam-se.*)

D. BEATRIZ (*contemplando-os*)

Almas felizes!

FOGAÇA

Perdõe lá a soira fidalguinha esta atracação na sua presença... Mas isto é assim como quem diz, que... cão faminto não bispa o marmelleiro quando lhe cheira a osso gordo!

(*Torna a abraçar-se com Isabel.*)

D. BEATRIZ (*murmurando tristemente comsigo*)

Quanto mais afortunada eu não seria se tivesse, como aquella rapariga, nascido entre o povo?! Ser-me-hia licito entregar a vida áquelle que amasse e assim?! (*Olhando para Ribeiro que está immerso na sua magua.*) Assim tenho de suffocar as palpitações do meu coração, e devorar as lagrimas que ás vezes me queimam as faces, e esconder o meu amor e o meu soffrer... d'aquelle mesmo por quem soffro e a quem amo.

(*Afasta-se alguns passos escondendo o rosto e enxugando os olhos. Entram diversos mareantes e índios conduzindo uma grande cruz feita de troncos de arvores, trazendo esta na junção dos braços o escudo das armas portuguesas.*)

SCENA 7ª

Os mesmos, Vaz, Affonso Lopes, Antonio Ayres, Bartholomeu Dias, Cacique, mareantes, índios e índias

VAZ (*que vem á frente*)

Finquem-na n'este lugar, que é o escolhido pelo capitão-mór.

(*Ribeiro levanta-se respeitosa e contemplando o madeiro.*)

AFFONSO (*a alguns mareantes que trazem enxadas e alviões*)

Andem lá vocês p'ra acolá a abrir o buraco.

(*Os embarcações executam a ordem.*)

ISABEL (*correndo a D. Beatriz*)

E agora como ha de ser, minha rica fidalguinha? Eu bem me andava a furtar d'elle mas hoje quiz o demonio...

BARTHOLOMEU (*a Fogça que está olhando enlevado para Isabel*)

Salta d'ahi, molangueirão! Pula acolá p'ra faina!
(*Fogça reúne-se aos demais.*) Deve subir-te a vergonha á cara ao enxergar que, mais que tu, trabalham aquelles que não vencem soldo nem conhecem a Christo!

(*Indica os índios que solícitos ajudam os portugueses, imitando-os no trabalho. Affonso Lopes tem passado cabos ao topo da cruz para erguerem-na a seu tempo.*)

RIBEIRO (*que desde que entrara o madeiro se levantara e d'elle não despregara os olhos, vae ajoelhando contricto*)

Divino Jesus! Ao levantar-se n'esta terra o primeiro symbolo sagrado do teu martyrio pela redempção dos homens, volve a mim o teu olhar clemente, já que me desampararam as justiças do mundo, pois bem sabes que não sou culpado do crime que espio e vale-me com a tua compaixão, oh! Divino! oh! piedoso filho da Santissima Maria.

(*Anda de joelhos e deixa pender a cabeça sobre o peito, debulhado em lagrimas.*)

D. BEATRIZ (*que vira Ribeiro na prece mumura consigo*)

Orou... e chora. Não é um criminoso. Bem m'o sepegreda a miúdo o coração.

AFFONSO (*que tem distribuido os cabos por diversos enquanto que outros arrastam a cruz para fical-a*)

Vamos, rapazes! Lá vocês firmem os cabos e as alçapremas.

(*Vão apurmando a cruz. Ribeiro machinalmente pega um dos cabos.*)

ISABEL (*que tem estado tambem na faina, voltando a D. Beatriz*)

Ai! que tive uma alemança feliz. Se eu e o Fogça nos deixassemos ficar por cá em companhia do Affonso Ribeiro?

D. BEATRIZ (*radiante*)

Serias capaz d'esse heroismo, Isabel?

ISABEL

A fidalga não me conhece.

D. BEATRIZ

E acompanhar-te-ha o Fogaça n'essa empreza que é uma obra de caridade para aquelle desventurado e de que has de ter a paga nos céos.

ISABEL

De certo que sim. Porque um homem quando quer mesmo, a valer, uma mulher, é como uma mulher que quer a valer a um homem! São como as cerejas que vivem enganchadas no pé e p'ra onde vae uma lá vae a outra.

D. BEATRIZ (*melancolicamente*)

Assim deve ser.

ISABEL

Depois a minha lembrança sempre é melhor do que correremos o risco de que o capitão-mór venha a descobrir que sou mulher, e, dê-nos p'r'ahi a mim e a elle, um castigo inda mais duro que este degredo.

BARTHOLOMEU (*chegando-se a Beatriz*)

Oh! senhora D. Beatriz, não dês ouvidos ás alcantinas d'esse grumete e fazei-o antes voltar de crena cá p'ra manobra.

(*Isabel receosa afasta-se para junto dos demais em-*

barcadiços. Bartholomeu fica dialogando com D. Beatriz. Logo que a cruz esteja levantada Affonso Lopes providencia sobre a armação do altar. Uma india moça e esbelta distingue-se em dedicação a estes aprestos, trazendo encoberta parte da sua nudez por um lindo sendal que lhe dera Cabral. A mesma tem nas pernas umas ligas de algodão enfeitadas, symbolo da sua virgindade. Sahe de quando em vez, tornando com flores com que ornamenta o altar e a cruz. O Cacique tambem encobre parte do corpo com uma rica camisa mourisca que lhe dera Cabral.)

SCENA 8ª

Os mesmos, Diogo Dias e mais indios

Diogo (*seguido de indios, jovialmente ao deparar com a cruz*)

Caspite! Parece que já estamos em terra de christão!

(*De satisfeito começa a fazer voltas e piruetas.*)

CACIQUE

Abatinguaú! (*g*)

INDIA

Guaú! (*h*)

INDIOS (*dispondo-se á dança, hombro a hombro, sem darem as mãos e batendo com os pés*)

Guaú! Guaú!

Diogo (*sempre saltando*)

Eh! grumete, toca lá qualquer coisa na tua avena.
(*n. 16*)

(*g*) Pessoa branca que dança.
(*h*) Dança geral.

(Um grumete principia a tocar n'uma flauta.)

LOPES (a Caminha, indicando Cacique)

Aquelle velho p'los modos é o que tem poderio sobre elles.

CACIQUE (alegre depois de apontar para a flauta aos indios)

Cangoéra! Memby-guaçú!

(Alguns indios começam a tocar instrumentos de ossos de tibias e de grandes conchas.) Memby apara! (Outros tiram agora umas como flautas de bambú e executam uma musica clangorosa e selvagem. Os outros dançam satisfeitos, dando de vez em quando assobios e palmas estridentes (i) A india do sendal distingue-se na dança. Diogo Dias mette-se entre elles de folguedo, tambem a fazer piruetas e saltos.)

FOGAÇO (vendo-os todos entretidos a olhar para a dança, arrasta mysteriosamente Isabel para um extremo da scena)

Que dizes tu, Zabella?

ISABEL

Que p'ra não soffrermos castigo quando o soire capitão-mór vier a descobrir esta minha mascarada, melhor seria ficarmos por cá até que volte outro navio de Portugal.

FOGAÇO

Pois tu tens coragem de ficar cá entre estes he-
reges?

(i) Vide Simão de Vasconcellos.

ISABEL

E não vae tambem ficar o pobre Affonso Ribeiro com outro degradado?

(Fogaço mostra-se embaraçado e Isabel continúa persuadindo-o.)

BARTHOLOMEU (a D. Beatriz)

N'estes dançados os mafarricos parecem-se com os cafres da Guiné e da Mina. (n. 17)

CAMINHA (a Lopes)

O' mestre piloto! vêde lá como aquella india se mostra n'uns requebros de corpo, em que vae mais faceirice e galanteria, do que em muitas das nossas damas nos saráus de Lisboa. (n. 18)

D. BEATRIZ

O sendal que lhe cobre parte do corpo deu-lh'o o capitão-mór quando se resou a primeira missa no ilheu do ancoradouro, assim como tambem deu aquella camisa mourisca áquelle indio velho que lá folga e que parece ser o rei d'estas gentes.

LOPES (a Caminha, gracejando)

Lembrae-vos que tendes filhos e não vá tentar-vos o demonio, na figura de uma d'essas mulheres que p'ra ahi andam como que p'ra perder almas de baptismo.

(Diogo vai a dar uma cambalhota e cahe. Os portugueses soltam boa risada. Os índios param subitamente.)

DIOGO (levantando-se sempre folgazão aos índios)

Ponto final aos bailaricos... Venham agora d'ahi aprender a ser christãos, que é o que lhes falta, p'ra que sejam uns machacazes menos maus!

(Vae beijar o altar e faz signal aos índios que o imitem, ao que elles obedecem.)

FOGAÇA (alvorçado e em proseguimento do dialogo)

Antão a soira D. Beatrizinha leva isto em gosto?!

ISABEL

Diz ella que é como uma esmola que lhe fizemos.

FOGAÇA

Não ponhas mais no alforge que cá não faz minga. Assim, fico! E fico de mil vontades, que é mais que tudo!

ISABEL

Ai! que assim bem mostras o fatacaz que me tens, meu rico Fogaça!

(Abraçam-se. Beatriz tem dado sempre mostras de acompanhar o dialogo de Isabel, com quem está preocupada, respondendo vagamente a Bartholomeu; vendo este barço solta involuntariamente um grande suspiro.)

DIOGO (dirigindo-se a D. Beatriz com intenção)

Vê a minha linda fidalguinha que ás vezes ha corações mais duros que os impios, porque...

D. BEATRIZ (entediada)

Ai! Snr. Diogo Dias! Que fastio ouvir-lhe sempre a mesma cantilena. (Afasta-se)

BARTHOLOMEU (gracejando para Diogo que ficara estupefacto)

Mulheres são como os ventos. Nem sempre estão de feição p'ra derrota!

(Diogo retruca-lhe em voz baixa.)

FOGAÇA

D'uma cajadada mato logo dois coelhos.

(Apparecem Alvares Cabral e Nicoláu.)

ISABEL

Que dizes tu?

(D. Beatriz disfarçando a curiosidade crescente de falar a Isabel, vae remontando ao fundo.)

FOGAÇA

Após a missa eu t'o explico com mais vagar.

SCENA 9ª

Os mesmos, Alvares Cabral e Nicolau

ALVARES (*tem defrontado a cruz admirando-a satisfeito. Diogo Dias tem-se inclinado a Cabral ensinando os índios a imital-o.*)

Não vos parece padrão condigno para attestar em todos os tempos a nossa passagem por estas terras?

NICOLAU

Melhor não podia ser a vossa escolha do que esse marco bemdicto.

ALVARES

Tambem assim o penso. N'aquella cruz estão dois symbolos sagrados a imporem-se aos vindouros: um que eleva os olhos aos céos e outro que leva o respeito a Portugal.

ISABEL (*tem subido com disfarce, mas visivelmente alegre ao encontro de D. Beatriz e diz-lhe á meia voz*)

Ficamos!

D. BEATRIZ (*de emocionada que fica e não podendo reprimir um grito de satisfação*)

Ah!

(*Vae a desmaiar e é amparada por Antonio Ayres que lhe está proximo e corre a soccorrel-a. Isabel recua assustada. Movimento de surpresa em todos, notadamente em Ribeiro e Diogo. Cabral vae tomal-a nos braços com affecto paternal.*)

ANTONIO AYRES (*tomando-a nos braços*)

Beatriz!

RIBEIRO (*comsigo e afflicto*)

Soccorrei-a, Virgem Senhora!

DIOGO

Ha que tempos digo eu que isto não são jornadas p'ra esta creaturinha.

(*Ouvm-se salvas de artilheria das náus*)INDIOS (*assustados*)

Tupá-çununga! (*Agglomerando-se de joelhos uns, e outros agachados, em volta do Cacique*) Tupá-çununga!! (*Vaz, Lopes, Bartholomeu e Nicolau vão tranquillisar os selvagens que lhes apontam para o céu dizendo*): Tupá-çununga! (*As salvas continuam.*)

ALVARES (*a D. Beatriz que vae recuperando os sentidos*)

Que teve o meu lindo pintasilgo, que em vez de nos alegrar com as suas garrulices, assim ficou de biquinho murcho? (*Beatriz abraça-se a elle com effusão*) E' assim que me pagas o eu ter-te matado as saudades que tinhas de ver montes e arvores, rios e verduras? Olha que me deves muito, porque nunca viste terra tão linda.

D. BEATRIZ

Obrigada... Eu não sei o que mais admire no senhor, se a coragem e o valor que entre os capitães vos tornam o maior capitão portuguez, ou se essa bondade e carinho com que entre os paes vos tornaes o pae mais amavel.

(Alvares abraça-a enternecido e beija-a com enlevo. Aparece procissionalmente Frei Henrique, franciscanos e clérigos, vindo aquelle paramentado para o sacrificio da missa e acolytado por estes que trazem castiças com cirios accesos, jarras com flores e grande crucifixo que collocam sobre o altar. Outros conduzem o Missal, galleteiro, thuribulo e mais pertences religiosos. Segue-se o alferes da armada com a bandeira da ordem de Christo. Os portuguezes dobram o joelho á passagem de Frei Henrique que vae defrontar com a cruz. Os demais capitães e pilotos seguem-se aos sacerdotes.)

ALVARES (depois de abraçar-a e beijal-a e ter-se inclinado á passagem dos sacerdotes, para Beatriz)

Os agradecimentos a esse teu louvor ficam para bordo da capitanea... Vamos agora rogar a Deus que nos dê bons ventos e mares, já que amanhã teremos de levantar ferro e deixar Vera Cruz.

(Sobe tomando a bandeira que colloca no altar ao lado do exangelho. Todos tomam seus lugares para ouvir a missa. Os índios, a principio surpresos, vão depois curiosos imitando os portuguezes. Alguns trepam aos ramos das arvores para melhor admirar o espectáculo. Um embarcadiço tem trazido uma caixa que descança no chão proximo do altar. Entra Ayres Corrêa a quem Beatriz e Antonio Ayres vão beijar a dextra. Corrêa depois de abençoal-os vae collocar-se junto a Cabral. Seguem-se os degredados, que não devem exceder de dezenove, os quaes vão ajoelhar afastados dos capitães, completando o quadro grande numero de marcantes, grumetes, moços d'armas, pagens e infantes que enchem a scena em disposição artistica. Durante a entrada d'este cortejo, Frei Henrique, depois dos ultimos paramentos do altar e entre nuvens de incenso dos thuribulos, sobe o estrado dando começo á missa. Ribeiro tem-se ajoelhado na extrema da scena por detraz de todos, desde o começo. Beatriz, que deve estar no 2º plano, desce a elle furti-

vamente, tirando do pescoço o relicario que D. Mafalda lhe dera no 1º acto, estende a mão a Ribeiro, offerecendo-lh'o. Este toma-lhe o relicario que beija repetidas vezes, beijando depois a mão de D. Beatriz que tem o rosto voltado para o alto da cruz. A este tempo Frei Henrique, que tem percorrido as primeiras partes da missa, chega ao "Dominus vobiscum," volta-se como do officio, permanecendo em posição. Desce o panno.)

FIM DO 3º ACTO

QUARTO ACTO

QUARTO ACTO

A mesma decoração do terceiro acto

Lusco-fusco da manhã

SCENA 1ª

Isabel e Fogaça

FOGAÇA (*entrando com Isabel da alta e offegando de cansaço*)

Bofé!

(*Ambos trazem alforques que descançam no chão.*)

ISABEL

Estamos escapos com a ajuda da Virgem Senhora.

FOGAÇA

Se nos lobrigavam na fuga, estavam asseiad-
dos. (n. 1)

ISABEL

A Virgem Maria não desampara quem confia na
sua graça, e ella bem estava vendo lá do céo que
era um bem que fazíamos á pobresinha da soira
D. Beatriz!

FOGAÇA (*penalisado*)

Coitadita!... Aquella se vae' assim, a ralar-se, é
que não volta a Portugal

ISABEL

Quando lhe fui dar o ultimo adeus e dizer-lhe

que d'ahi a pouco, aproveitando a escuridão da noite, eu e tu nos escapavamos para terra, a pobresinha agarrou-se a mim, fria que nem um cadaver, e disse-me com as lagrimas a correrem-lhe pela cara abaixo: « Isabel, sê uma irmã para aquelle desventurado, que é menos criminoso do que infeliz.»

FOGAÇA (com desconfiança zelosa)

Sim, mas tu vê lá como te havens n'essa manobra, que não me vá succeder alguma aquella!

ISABEL

Que demo estás tu p'ra ahi a boquejar?

FOGAÇA

E' que eu não gosto que me façam ninho atraz da orelha. Tu és despachada p'ra um tudo e a prova é que te metteste n'esta derrota, e... olha lá! Tu até aqui como é que dormias?!

ISABEL (sorrindo)

Ora, boa pergunta!

FOGAÇA (encarando-a)

Anda, responde, não me torças o bico á pichorra!

ISABEL

Eu dormia com os olhos fechados.

FOGAÇA

Não é isso o que eu te pergunto. O que te pergunto é... é outra coisa, tu bem sabes.

ISABEL (voltando-lhe as costas)

Ai! que déste agora para asneirar.

FOGAÇA (detendo-a pelo braço e puxando-a a si)

Não faças ouvidos de mercador. (Erguendo-lhe o queixo para fital-a cara a cara.) Responde.

ISABEL

Que dianho queres tu que eu te diga?

FOGAÇA

N'esses dias todos, desde que sahimos de Lisboa e em que andaste pela náu (2) S. Miguel e oitras, á minha procura, até hontem em que nos demos de cara, como é que tu dormias?

ISABEL

Eu dormia deitada e de olhos fechados.

(Vae clareando a aurora lentamente.)

FOGAÇA

Mas deitada, como?! Sósinha com Deus e os anjos e pensando em mim, ou dormias de cambulhada com os rascões de bordo?

ISABEL

Ai! crédo. Dormia sósinha e pensando em ti, por que tendo-te sempre na cabeça, havia lá figura de basbaque que me ficasse nos olhos?

FOGAÇA (alegre)

Ai! que tu és mesmo uma cachôpa de truz!

(*Abraça-a. Ouvem-se tiros de artilheria.*)

ISABEL (*assustando-se*)

Que será aquillo, Fogaça?

(*Ouve-se o canto dos passaros.*)

FOGAÇA

E' que já deram pela nossa fuga de bordo e então soltam aquelles tiros p'ra nos chamar.

ISABEL

E ahí vem clareando a manhã... Ai! Fogaça, se elles nos vêm procurar e levam-nos em ferros ao capitão?!

FOGAÇA

Não tenhas susto, que por amor d'isso indaguei dos costumes n'este caso e disseram-me que era uso não esperar a frota por ninguem que se ficasse em terra.

ISABEL (*remontando o olhar para as arvores*)

Que lindos cantam os passaros!

FOGAÇA

A terra não é masita! Por isso tambem é que eu me decidi a ficar, pois que ao mesmo tempo que satisfaço a vontade á soira D. Beatrizinha, escapo ao castigo quando viessem a descobrir que és minha conversada... Ahí tens tu como d'uma cajadada eu mato dois coelhos.

(*Ouve-se novo tiro.*)

ISABEL

Vamos á procura do Affonso e do outro degradado, que em elles sabendo que tambem ficamos por cá, vão crear alma nova.

FOGAÇA

Ai! que tu estás a pensar muito no Affonso Ribeiro! Vamos mas é até alli á praia, a ver se já partiu p'ra Portugal o barco de Gaspar de Lemos.

(*Dirige-se para a alta.*)

ISABEL

Vamos aonde quizeres, mas não me andes tu com desconfianças que me ponham doida.

(*Sahem. A scena por um momento fica vazia, ouvindo-se o variado canto das aves brasileiras. Aparece depois Ribeiro bastante pallido, que se dirige á pedra onde se sentara no acto antecedente, e ahí se deixa cahir meditativo e triste. Segue-o João de Thomar a alguns passos e depois de contemplal-o um instante se dirige a elle confortando-o.*)

SCENA 2ª

Affonso Ribeiro e João de Thomar

THOMAR (n. 3)

Nada se consegue com lagrimas, quando a desgraça carrega o senho sobre um homem. Agora o que é preciso é ser forte e saber lutar. Deu-te Deus uma boa intelligencia... Socorre-te da dadiva de Deus, que com ella talvez venças um dia os homens.

RIBEIRO (*com desalento*)

Ha predestinações fataes.

THOMAR

Patranhas! Lembra-te do que fez João Fernandes, quando se metteu lá por aquelle deserto, aprendendo a lingua dos moiros para depois ensinal-a aos portuguezes. Já que te vês como elle, é tratar de imital-o! Dia virá em que voltas ao reino e sejas até recebido como um grande homem.

RIBEIRO

Mas esqueces que João Fernandes metteu-se a essa empresa por vontade sua e não era, como eu sou, um criminoso... um desterrado?! Desterrado!...

THOMAR

Peor é ser enforcado!

RIBEIRO (*erguendo-se*)

Não! A morte é um descanço supremo e o desterro é a suprema ignominia. O desterrado é como o filho maldicto que os paes atiram para fóra de casa, fechando-lhe a porta mesmo na cara e deixando-o nas estradas até que apodreça de fome e de miseria. A patria, que é aquillo que nós mais amamos, quando entramos em idade de amar, repelliu-nos, escorraçou-nos de si, fez como as oitras mães que renegam seus filhos... renegou-nos!... Atirou-nos para cima d'umas taboas e disse a um capitão que as governava: «Leva estes desgraçados! Deixa-os por lá, por bem longe, onde morram abandonados e sós, sem terem uma lagrima de amigo, nem um sino que lhes dobre a finados... Que tão longe fiquem que eu não os veja nunca mais.»

Ahi tens tu o que é ser desterrado! E' um filho que a patria renega e amaldiçoa!

THOMAR

Mas ha engeitados d'esses, que se mettem pelo mundo, com a ajuda de Christo e lá voltam um dia em condições de valer aquella mesma que os engeitou. A vida é uma verdadeira cabra-cega. O unico que n'este jogo vê ás claras é Aquelle que lá está emriba. (*Indica o céu*) Tiveste em Lisbóa paixão pela Helena Gonçalves, que lá se metteu p'r'o convento em Emxobregas. (n. 4)

RIBEIRO (*sentando-se acabrunhado*)

Ah! João de Thomar, que sorte a minha, que por onde passo só deixo desgraças!...

THOMAR

Não te disse já que, n'esta cabra-cega da vida, o unico que vê claro é Aquelle que lá está em cima?

RIBEIRO

Que será feito da pobre filha de Thomé Gonçalves?

THOMAR

Ora, o que será feito? Chora por ti e mette-se a freira para estar com Deus a todas as horas, rogando-lhe que te valha. E ouvi cá... quando se tem alguém n'este mundo que, com fé, pede por nós a Deus... Deus não nos desampara de todo.

RIBEIRO

Não sei se n'isso terás razão! O que sei é que ás vezes sou arrastado a desgraças taes, mas arrastado sem eu mesmo saber como—levado n'uma embriaguez que cega, de modo que mais pareço empolgado pelo demónio do que amparado por Christo.

THOMAS

Blasphemias, desgraçado?!

RIBEIRO (*com sorriso amargo*)

Se é blasphemia a verdade, eu blasphemo...

THOMAS

Esqueces que peor podia ser a tua sorte?!

RIBEIRO (*erguendo-se*)

Peor em que? Enforcando-me? Teria sido melhor. Teria deixado de soffrer e... de fazer soffrer outros. Não vês que ha de haver sempre dentro de mim a praga do innocente que é martyrisado? Que não me posso esquecer que era amado por uma donzella que via em mim a sua felicidade e que n'uma noite maldieta em que dobrava uma viella de Lisboa, ouvindo gemidos de alguém que se estoreia n'um lago de sangue...

THOMAS (*interrompendo-o*)

Foste seguro pela ronda, que te suppoz o assassino, bem sei; e, sei tambem que não houve rogos, nem de teu amo o Senr. D. João Tello, nem da pobre Helena que se agarrou com todas as fidalgas...

RIBEIRO (*com enlevo doloroso*)

Até mesmo com aquelle anjo que deixou as alvas azas no paraiso, mas que trouxe a bondade dos céos, para vir ser na terra...

THOMAS (*atalhando-o*)

A filha do feitor-mór Ayres Corrêa. Sei... sei de toda essa alhada, que bem fallada foi em Lisbóa e que, durante a viagem, era contada e recontada nos soa-lheiros de bordo. Já vês que Aquelle que lá está em cima é quem melhor vê as coisas, porque em lugar de te esganarem com uma corda n'uma forca, deram-te a liberdade!

RIBEIRO (*amargamente*)

A liberdade!

THOMAS

Assim ou assado, desde que pisamos a bordo e nos arrancaram as algemas, ficamos livres. Liberdade com peias, valha a verdade... Mas onde foi que tu já viste os da nossa igualha terem liberdade sem peias? Agora é como já te observei... é luctar e ser forte.

RIBEIRO

Os soffrimentos têm sido muitos... têm sido de mais, arrancaram-me as forças... Felizmente vão cessar... porque este exilio será talvez a minha sepultura. Se eu tivesse continuado na derrota, teria um balsamo por mais alguns dias... mas quem sabe se esse allivio não teria de ser pago ao cabo d'esses dias, com maior desgraça áquelle doce anjo que, baixando do

céo onde paira, veio illuminar de alguns momentos de ventura a minha negra degradação?!

(*Apparecem Fogaça e Isabel.*)

THOMAR

Deves o teres achado esse anjo á pobre filha de Thomé Gonçalves, que lá estava a rogar por ti. (n. 5)

RIBEIRO

E emquanto ella rogava por mim, ia eu, covarde e miseravel, esquecendo-a embebido por outra.

THOMAR

Que pela certa vae tambem por esses mares afóra rogando a Deus por ti. (*Gracejando.*) Olha que se não te cortam a aza, davas em pouco n'um segundo sultão da Turquia... Já são aos pares as donzellas que rezam por ti nas suas orações...

SCENA 3ª

Os mesmos, Isabel e Fogaça

FOGAÇA (*ao fundo*)

Olha que contigo é que eu não quero que elle seja sultão.

THOMAR

Vamos! Larga d'essas tristezas e vamos pensar na vida.

RIBEIRO

Como não hei de tel-as, se em volta de mim não vejo senão desgraças?

ISABEL (*descendo alegre*)

Pois é contar tambem comnosco.

RIBEIRO (*os dous voltam-se estupefactos*)

Como?

FOGAÇA

Pisgamo-nos esta noite de bordo.

THOMAR (*alegre*)

P'ra ficar na nossa companhia?

FOGAÇA

Olaré que sim, que é como canta.

RIBEIRO (*e Thomar abraçam-nos com expansão*)

Obrigado! Obrigado!

THOMAR

Vocês é que são amigos. (*a Ribeiro*) Anda lá, duvida agora que Deus não nos valha em certas afflicções!?

RIBEIRO

Não posso duvidar. Só Deus é que inspiraria esta acção, que vem alentar-nos e dar-nos coragem para supportar o exilio.

FOGAÇA (*sorrindo alvarmente*)

Qual! Não foi Deus, foi... vê lá se adivinhas.

ISABEL (*vendo Ribeiro estupefacto*)

Foi a soira D. Beatrizinha.

RIBEIRO (*radiante*)

Foi ella?

FOGAÇA

Que nos pediu que ficássemos n'esta terra para fazer-te companhia.

(*Abraça Ribeiro.*)

THOMAR (*apontando Ribeiro*)

Aquelle demonio é tão feliz que até as mulheres pedem por elle.

RIBEIRO (*abraçando Fogaça e Isabel*)

Obrigado! Com essa coragem deram-me valor para luctar, para crer que ha sempre um premio para os que soffrem. (*Ovem-se alguns tiros. Thomar corre á praia subindo a uma rocha. Ribeiro suspende-se ouvindo os tiros e continúa depois n'uma transição dolorosa*) Que muito hei a soffrer! Muito!

(*Afasta-se em lagrimas sentando-se na pedra.*)

ISABEL (*confortando-o*)

Para adoçar-te as maguas e alliviar-te as penas é que por cá ficamos por estas terras. Não ha dôr que não abrande quando se tem ao lado o conforto de amigos que são da mesma raça e fallam a mesma lingua.

FOGAÇA (*que tem ouvido com desconfiança, puxando-a á parte*)

Oh! cachopa.

ISABEL

Ai! que ahi voltas ás tuas scismas.

FOGAÇA

Volto mesmo, sim, volto que p'ra isso é que te dei metade do meu coração... E se te dei metade do meu coração não é p'ra ver-te andar adoçando as maguas nem alliviando as penas de qualquer homem. E' p'ra que me allivies e adoces só a mim. Só a mim, percebes? Adoça-me e allivia-me com vontade que já não terás pouco que fazer.

(*Ribeiro tem tirado do seio o relicario que Beatriz lhe dera, contemplando-o e beijando-o com paixão.*)

THOMAR (*de cima da rocha*)

E' a frota que lá vae embora.

RIBEIRO (*contemplando o relicario*)

Vaes-te embora, creança adorada! Quem sabe se nunca... nunca mais nos tornaremos a vêr?! Esta reliquia sagrada que me deste será o laço do infinito prendendo a alma do desterrado á imagem do seu anjo tutelar!

(*Beija o relicario.*)

FOGAÇA (*indo com Isabel para o fundo e chamando Affonso*)

Anda... anda d'ahi ver a frota.

(*Trepam a uma rocha. Affonso vae enfrentar com a cruz e ahi se detem contemplando-a com grande enlevo religioso. Das lateraes vão chegando os indios e índias espreitando curiosamente os portuguezes.*)

SCENA ULTIMA

Os mesmos, indios e indias

THOMAR (*de cima da rocha com Fogaça e Isabel acenando com lenços á esquadra que começa a passar ao fundo á grande distancia*)

Adeus!... Adeus!...

ISABEL

Que bons ventos vos levem!

AFFONSO (*cahindo de joelhos junto a cruz*)

Já que ha uma mãe que repelle seus filhos, sê tu a nova patria dos desterrados, sê tu a mãe piedosa dos engeitados!

(*Abraça-se á cruz desatando em pranto copioso. Os tres companheiros ficam ao fundo trepados nas rochas e acenando com lenços á frota que vae singrando até descer o panno. A scena, na baixa, fica tomada pelos indios que olham enternecidos para os portuguezes. A india do sendal e outros ajoelham atraz de Affonso olhando para a cruz. Desce o panno.*)



NOTAS

NOTAS

PRIMEIRO ACTO

N. 1

A repartição official destinada aos serviços das conquistas maritimas era na *Casa da Mina*, que servia de armazem para as cargas e viveres de embarque e inscripção dos que se quizessem engajar para o serviço das frotas. Depois do regresso de Vasco da Gama o povo foi aos poucos substituindo esse nome pelo de *Casa da India*.

Diz Gaspar Corrêa nas *Lendas da India*:

«... Casa da Mina que depois fez Casa da India.»

N. 2

Colhe-se em diversos classicos a affirmação das palavras de Gonçalo Paes, e, de um a todos os respeitos competentissimo, em Gil Vicente, melhor se evidencia n'um auto representado 19 annos depois e no qual o poeta descreveu a facilidade d'uma d'essas mulheres

de marinheiros em depressa esquecer o marido e acolher birbantes que com ella vão a pernoitar.

Eis como Alberto Pimentel descreve a scena:

«Parte uma frota para a Índia e o marido da protagonista vae como marinheiro a bordo de uma das náus. Morta pelo vêr pelas costas, a mulher estremece de medo quando a creada lhe vem dizer que seu amo já não embarcará. Mas a noticia é falsa, o marinheiro segue viagem e a mulher é logo visitada pelos rascões que a cubiçam. Um d'elles, castelhano de nação, entra-lhe pela porta a dentro e põe as cartas na mesa:

Supe que vuestro marido
Era ido.

A dona da casa responde-lhe:

Vós quereis ficar cá?
Agora é cedo ainda:
Tornareis vós outra vinda
E tudo bom se fará.

O castelhano vae-se com esta risonha promessa para voltar á noite. Mas não tarda, logo que elle sahe, a apparecer outro rascão portuguez, que traz o mesmo intento damnado.

E a mulher do maritimo a ambos dá trélla, tendo apenas a vencer a difficuldade de assocegar o portuguez que está dentro de casa, quando o castelhano es-
pera na rua e pragueja impaciente.

O embarcação volta finalmente da Índia e a mu-

lher recebe-o com fingidas caricias, dizendo-lhe ternamente:

E eu, oh! quanto chorei,
Quando a armada foi de cá
E quando vi desferir
Que começaste de partir
Jesus! eu fiquei finada
Tres dias não comi nada
A alma se me queria sahir.»

Alberto Pimentel cita este topico de Gil Vicente e caracteristico da epocha, em abono d'um episodio dos amores adulterinos de Grimaneza e Gil Pato, no seu livro *O Descobrimento do Brazil*.

N. 3

Allude ao Livro V das *Ordenações Affonsinas*, onde se decretavam as severissimas penas:

«Mandamos que o homem, que dormir com mulher casada e que em fama de casada estiver, morra por ella.

«E toda mulher que fizer adulterio a seu marido, morra por isso.»

N. 4

O personagem allude ao decreto que estatuiu na viagem do Gama:

«Aos casados cem cruzados para deixarem ás

suas mulheres, aos solteiros a cada um quarenta, aos Gamas dois mil a cada irmão e mil a Nicolau Coelho» conforme nol-o diz G. Corrêa.

Na volta da armada mandou el-rei D. Manoel distribuir mais dez arrateis de cada especiaria pelas mulheres de embarcações.

N. 5

«Foi ordenado que el-rei não mandasse n'estes feitos homens forçados, sómente os que quizessem ir voluntariamente e com soldo limitado.»

«O capitão-mór haveria pela viagem dez mil cruzados e quinhentos quintaes de pimenta em seu ordenado dos dez mil cruzados ao preço que el-rei comprasse e dez caixas forras de que não pagaria direitos, senão a dizima a Deus para o mosteiro de Nossa Senhora de Belém. — G. CORREA — *Lendas da Índia.*»

N. 6

Já no seculo XV era assim chamada a cadêa publica do reino, e, em Ruy Pina e Domingues de Mendonça, na narração da fuga mysteriosa de um condemnado que illudira a vigilância do carcereiro João Baço, no reinado de D. João II, se evidencia que já era este o nome que se dava a antiga Casa da Moeda.

Em *Arrhas por fôro d'Hespanha*, diz Alexandre Herculano que o *Limoeiro* fôra successivamente paços d'el-rei, paços dos infantes e paços da moeda.

Damião de Góes, na *Chronica do rei D. Manoel*, Pinheiro Chagas, na *Historia de Portugal*, Alberto Pimentel na obra citada tambem assim chamam á *casa da supplicação e do civil e da cadêa do Limoeiro*, obra muito magnífica e sumptuosa, etc., etc.

Que o lugar dos escolhidos
Era a forcea e o Limoeiro.

GIL VICENTE — *Barca do Inferno.*

N. 7

Os nomes apontados por Vaz Caminha não nascem da phantasia, são todos elles encontrados nas chronicas dos classicos que detalharam a partida da «fról d'aquella mancebia gentil que embarcava.»

De modo que a resposta de Isabel, inda que ironica, revela uma grande verdade no seu espanto.

Sim, era a *fról da mancebia gentil* que embarcava em uma esquadra como não sahira outra do Tejo, tanto em numero de velas, como em numero de capitães e gente d'armas.

«... el-rei aconselhado por D. Vasco da Gama, diz Alberto Pimentel, pensou logo em mandar á India uma segunda armada que se impuzesse pelo numero, pela força e pelo luzimento, a qual armada, fazendo guerra ou firmando tratados, conseguisse estabelecer feitorias, abrir relações commerciaes, conquistar a vassallagem dos reis orientaes de Calicut, Melinde e Cananôr.»

Para prestigiar esse feito da partida, quando já não fosse o intento grandioso da empresa marítima, bastariam os nomes de um Pedro Alvares Cabral, «varão nobre, de valôr e resolução», na phrase de Simão de Vasconcellos, e cuja linhagem remontava além do seculo XIII, tendo seus antepassados recebido de Sancho I o foral de Belmonte, e, estando Pedro Alvares Cabral, ao tempo da monção, com o senhorio de Azurara e a alcaidaria de Belmonte; (Vide Castanheda, *Historia da Descoberta e Conquista das Indias*.)

D'um Ayres Corrêa, homem fidalgo que seguia com a familia, (a unica que consta ter embarcado) nomeado feitor-mór da frota e da carga, levando a missão de fundar a feitoria de Calicut e onde morrera com todos os seus barbaramente assassinados n'uma trama de Comecery, distinguindo-se n'essa occasião seu filho, o joven Antonio Ayres; (Vide *Historia de Portugal*, de Pinheiro Chagas, e *Vida de Pedro Alvares Cabral*, de José Palmella.)

D'um Bartholomeu Dias, o famoso navegador do Cabo da Boa Esperança, que seguia com seus irmãos Pedro Dias e Diogo; d'um Sancho de Tovar, dos irmãos Atahydes, d'um valente Nicolau Coelho que fizera a viagem da descoberta da India por solicitação do próprio Gama, que assim o pedira ao rei: «Senhor, este homem não é somenos d'irmão na amizade que temos; este será nosso pareiêro até á morte, se vossa alteza o houver por bem que vá no outro navio.» (GASPAR CORREA—*Lendas da India*.)

D'uma partida de varões tão grados e acompanhados de tão crescido numero de gente, se comprehende o grande espectaculo descripto por João de Barros:

«A qual espedida geralmente a todos foi de grande contemplação, porque a maior parte do povo de Lisbôa, por ser dia de festa e mais tão celebrado por el-rei, cobria aquellas praias e campos de Bethlém e muitos em bateis que rodeavam as náus, levando uns trazendo outros, a si serviam todos com suas librés e bandeiras de côres, divisas, que não parecia mar, mas um campo de flores, com a fról d'aquella manecbia gentil que embarcava.»

Em face d'essa partida de tanta gente, Isabel, como mulher do povo, allude aos elementos que costumavam perturbar a vida portugueza com guerras, e, lembra-se, ainda, que já não vive o condestavel Nun'Alvares Pereira, o defensor glorioso de Portugal, que então era cognominado—o Conde Santo.

N. 8

Alguns escriptores referem-se a que Vasco da Gama não ficara satisfeito com as dadas de el-rei, em vista do muito que soffrera em riscos do mar e perigos com as gentes da India.

O titulo de Conde de Vidigueira fôra mais lembrança do Duque de Bragança do que acto espontaneo de D. Manoel.

N. 9

De volta da Índia o Gama, para onde seguira com as tres náus—*S. Raphael*, *S. Gabriel* e *S. Miguel*, foi surpreendido por grande tempestade nas alturas de Cabo Verde, n'esse mesmo cabo onde morrera o capitão Gonçalo de Souza.

Assim diz J. de Barros:

«Nicolau Coelho foi quem trouxe a D. Manoel a nova da descoberta da Índia, porque na volta da frota, nas alturas de Cabo Verde, uma tempestade separara os navios, arribando Vasco da Gama á Terceira, onde seu irmão Paulo ficou sepultado. Gaspar Corrêa diz ter sido portador da nova um marítimo da Terceira chamado Arthur Rodrigues.»

N. 10

Todo o inverno de 1499 fôra tomado com os preparativos para a partida da frota de Cabral. Além dos viveres e cargas indispensaveis a uma frota tão numerosa, seguiam mercadorias para permuta com o vastissimo commercio oriental, para o estabelecimento da primeira feitoria portugueza nas Indias e para Mina de Sofala, de que ia expressamente carregado o barco de Sancho de Tovar. Assim se lê em Alberto Pimentel:

«Grandes cargas de pannos de lã, finos e grossos de velludos, setins e damascos com que D. Manoel queria deslumbrar os olhos dos seus collegas orientaes; muitas *pipas*, como então se dizia, d'armas brancas,

espadas e lanças; carnes salgadas, pescados seccos, legumes, manteiga, mel, assucar, conservas de doces, drogas de botica, aviaamentos de cirurgião, e, por ordem de Vasco da Gama, para o rei de Melinde ricos guadamecins, coxins de Frandes, collares de pedrarias, caixas de confeitos e latas de marmellada.»

N. 11

A carta de 15 de Fevereiro de 1500, de D. Manoel, concedia todo o poder á auctoridade de capitão-mór da armada da Índia a Pedro Alvares Gouvêa fidalgo da casa real. (Vide Souza Viterbo no n. 7º da revista portugueza *Brazil e Portugal*.)

Sendo Pedro Alvares Cabral filho de D. Isabel Gouvêa, filha de João de Gouvêa, senhor d'Almendra, presume-se que até então tivesse usado o sobrenome de sua mãe, passando logo a adoptar o paterno.

Usavam assim fazer alguns fidalgos e na *Historia de Portugal*, de Joseph L. Domingues de Mendonça, se falla de Simão Gonçalves da Camara, capitão da Ilha da Madeira, que se tratava por Simão de Noronha, appellido de sua mãe, o que lhe foi censurado por D. João II.

Pedro foi o terceiro filho de Fernão Cabral, nobre da Provincia da Beira, senhor de Azurara e alcaide-mór de Belmonte; neto de D. Fernão Alvares Cabral que fôra guarda-mór do Infante D. Henrique, e oriundo de Pedro Nunes Cabral, valoroso cavalleiro do seculo XIII.

O aproveitamento que coihera em estudos na escola de Marte (vide Palmella, obra citada) tornaram-no «homem fidalgo, de bom saber, muito apto para isso» na phrase de G. Corrêa.

Já D. João II tinha pensado em Alvares Cabral para a viagem da India, antes d'esta ser realisada pelo Gama.

«Foi casado com D. Isabel de Castro, filha de D. Fernando de Noronha, irmão do modormo-mór D. Pedro de Noronha e de sua mulher D. Constança de Castro, de quem teve Fernão Alvares Cabral e Antonio Cabral, que morreram sem descendentes. D. Constança de Noronha, que casara com Nuno Furtado, commendador da Condiga; e de Guiomar de Castro, religiosa dominicana, no convento da Roza de Lisbôa. Sobre o dia da morte de Cabral tambem nada se sabe. A sua sepultura acha-se em Santarem, na igreja da Graça, na capella do Senhor da Vida. A sepultura é rasa.»
—JOSÉ PALMELLA (*Vida de Ped. Al. Cabral*)

Simão da Fonseca no *Diccionario Encyclopedico* diz ter Alvares Cabral morrido em 1526.

N. 12

A este tempo do reinado de D. Manoel existia a malquerença pelo judaismo que se devia transformar na lucta terrivel das castas e das crenças. Tambem não faltavam judeus, nem outros que como taes fossem tomados pelo povo.

N'isto vae a razão de ser da palavra do interlocutor.

Tambem não deve ser extranha a figura de Zalina, antes imprescindivel no quadro local, tendo-se em mira o accordo de todos os chronistas em que «a qual espedida geralmente a todos foi de grande contemplação porque a maior parte do povo de Lisbôa por ser dia de festa e mais tão celebrado por el-rei, cobria aquellas praias e campos de Bethlém.»

N'este concurso festivo de todo um povo, em um reinado que continuava afortunadamente as aventuras maritimas iniciadas pelo infante D. Henrique entre essas duas bellas recordações—Aljubarrota e Sagres!

Em uma epocha de lendas e mysterios, de conspirações e regicidios, de agitações politicas e religiosas, de heroes e martyres—a alma popular sentia-se avida do desconhecido, presa do sobrenatural e da ambição e d'ahi o motivo de ser d'estes typos errabundos de feiticieras e nigromantes que infestavam as feiras e praças, os caes de atracação e as portarias dos claustros, mormente em dias de gaudio publico.

As figuras como Zalina eram producto expontaneo e vulgar d'aquelle meio social.

N. 13

Effectivamente Ayres Corrêa e toda a sua familia foram trucidados barbaramente em Calicut. (Vide *Historia de Portugal*, de P. Chagas.)

N. 14

Era no Restello que fundeavam os navios do Infante.

«Mas nem elles (os marinheiros) podiam ahi ouvir missa, nem fazer oração, nem ter sacerdote que ajudasse a bem morrer os que falleciam de escorbuto e outras pestilencias adquiridas a bordo. Tambem não era facil ás embarcações fazer ahi aguada antes de emprehender a viagem. Por todas estas razões o infante D. Henrique mandou levantar em Restello uma igreja especialmente destinada aos actos religiosos dos navegantes «pondo-lhe nome Santa Maria de Belem» segundo diz a doação feita pelo infante á ordem de Christo.

«Era uma piedosa instituição do infante, que em troca, apenas pedia um Pater Noster pela salvação de sua alma.» — A. PIMENTEL — *Descob. do Brazil.*

N. 15

Vide R. Southey — *Historia do Brazil*, e Pinheiro Chagas — *Historia de Portugal.*

N. 16

Teve Alvares Cabral todas as considerações e honras do monarcha. — Vide J. de Barros, Gaspar Corrêa, Pinheiro Chagas, R. Southey, Simão de Vasconcellos e A. Pimentel, em obras citadas.

N. 17

«A pena de morte com pregão e baraço foi commutada por «carta de perdão» na de degredo perpetuo para a India.»

Com Affonso Ribeiro, ex-criado de D. João Tello, seguiram n'esta viagem mais 19 condemnados, ao todo 20, que iam desterrados para a India.



SEGUNDO ACTO

N. 1

...«eram as trombetas, atabaques, sistros, tambores, flautas, pandeiros e até gaitas cuja ventura foi andar em os campos no apascentar dos gados, diz João de Barros, tomaram posse de ir sobre as aguas salgadas do mar, n'esta e n'outras armadas que depois a seguiram porque para viagem de tanto tempo, tudo os homens buscaram para tirar a tristeza do mar.»

Naipes eram assim chamadas as cartas de jogar, cuja introdução na Europa se popularisara e que por tal nome eram conhecidas em Portugal, talvez por terem vindo da Andaluzia, onde se chamavam naipes.

N. 2

Diogo Dias foi collecter das rendas d'el-rei em Sacavem, depois de acompanhar Vasco da Gama na viagem á India, onde se distinguio pelo seu genio folgazão e bravura de leal soldado, sendo por esta bra-

vura escolhido pelo proprio Gama para fazer parte dos doze da sua guarda, quando o almirante, arrostando grandes perigos, foi em pessoa ao palacio do Samorim. Era filho de Diniz Dias e irmão de Bartholomeu Dias e Pedro Dias, tres maritimos gloriosos.

Diogo Dias seguiu, por decreto real, com Ayres Corrêa para a feitoria de Calicut e não como capitão de navio, como erradamente affirmam alguns historiadores.

N. 3

Alguns classicos fallam de uma tempestade, mas preferimos seguir a carta de Vaz Caminha endereçada a el-rei D. Manoel, por consideral-a o testemunho mais authenticico :

«... entre as oito e nove horas nos achamos ante as Canareas mais perto da Gram Canarea e ahi andamos todo aquelle dia em calma á vista d'ellas obra de tres ou quatro leguas...»

N. 4

Conselho este attribuido a Vasco da Gama por Gaspar Corrêa e outros chronistas antigos.

D'ahi o argumento se a descoberta do Brazil foi intencional ou filha do acaso. Gonçalves Dias e Machado de Oliveira, quando tratou d'este assumpto o Instituto Historico Brasileiro, por iniciativa do Snr. D. Pedro II, opinaram pela segunda hypothese, sendo

entretanto em favor da primeira Joaquim Norberto de Souza e Silva que tem sido um dos mais fecundos subsidiarios da nossa historia.

Ultimamente, porém, Baldaque da Silva, official da marinha portuguesa, em uma memoria academica que mostrou, ponderou com argumentos nauticos e historicos que a expedição de Pedr'Alvares Cabral se dirigiu para oeste propositalmente. Alberto Pimentel tambem segue esta opinião.

O que é facto é que foi intencional em Alvares Cabral o afastar-se da costa, fazendo-se bem ao largo como até então ninguem o fizera por vontade propria, e a este facto se deve a descoberta e não a uma tempestade, como erradamente escrevem diversos escriptores. Luiz Coelho, auctor das «Emprezas Portuguezas»; J. de Barros, Domingues de Mendonça, Simão de Vasconcellos, José Palmella, e, infelizmente, quasi todos os historiadores brasileiros.

Os nossos patricios, em maioria, imitam-se uns aos outros e d'ahi a deficiencia lastimavel de uma historia do Brazil completa e verdadeira.

Pero Vaz Caminha, em sua carta, não falla de tempestade alguma e sim de *um dia em calma* em frente á Gram Canarea.

Onde se apoiam os que fallam da tempestade?!

N. 5

Diversos auctores dizem 16 dias, Alberto Pimentel uma semana; seguimos n'isto a opinião de Barros que

consigna 13 dias e cuja opinião é tambom acceita por Palmella e outros.

N. 6

O desaparecimento de um dos navios da frota é attribuido á tempestade das Canareas, que contestamos em vista do dizer de Vaz Caminha: «e a noite a segunda-feira lhe amanheceu se perdeu da frota Vasco de Atahyde com a sua náu, sem haver tempo forte, nem contrario para poder ser.»

Tem havido tambem equivoco no nome do capitão arribado, sendo que J. de Barros, Damião de Góes, D. Mendonça, Simão de Vasconcellos dizem ter sido Luiz Pires. Pamella diz Luiz Peres, mas Vaz Caminha e A. Pimentel dizem—Vasco d'Atahyde, com quem estamos de accordo.

N. 7

E' apontada em todas as chronicas ou historias que tratam, com minucias, das viagens do Gama e Cabral, a alegria e graça constantes de Diogo Dias não inferiores á sua coragem e valentia.

N. 8

D. Guiomar de Castro, filha mais nova de Alvares Cabral.

N. 9

Vide Vaz Caminha:

«Terça-feira de Paschoa que foram 21 dias de Abril, que topamos alguns signaes de terra.»

Por conveniências theatraes synthetisamos n'esta scena a acção historica de dois dias de navegação, que foi: a 21 de Abril verem-se plantas que indicavam terra proxima, depois passaros e a 22 um «monte redondo» cercado de «terra chã» a que o capitão-mór baptizou por—Monte Paschoal.

Tem sido muito falseada esta data, tanto que chegaram a supposição de que o nome de Vera-Cruz provinha da terra ter sido descoberta em 3 de Maio «anachronismo que até em actos publicos voga indevidamente pelo Brazil», diz Varnhagem.

Pelo testemunho incontestavel de Vaz Caminha os primeiros signaes de terra foram vistos a 21 de Abril, justamente no mesmo dia em que quasi tres seculos depois devia morrer n'uma forea o primeiro martyr da Liberdade Brasileira—Tiradentes.

N. 10

Vide Vaz Caminha—Carta a el-rei D. Manoel.

N. 11 e 12

Vide Vaz Caminha.

N. 13

Assim chamou Vaz Caminha e o repetiram depois os historiadores, a serra mais elevada da cordilheira dos Aymorés, na Bahia.

Aquelle «monte redondo», depois chamado Monte Paschoal, era o signal da vasta e formosissima terra Brasileira que surgia das aguas, á prôa dos navios, embevecendo e maravilhando aos mais viajados dos capitães.



TERCEIRO ACTO

N. 1

Assim se subassignava o cirurgião de D. Manoel.
(Vide Pinheiro Chagas, na *Historia de Portugal*.)

N. 2

Este sentimento de Vaz Caminha expressou-o elle proprio na carta já citada.

N. 3

Vaz Caminha refere este facto que abona a docilidade dos indios.

N. 4

Houve desaccordo de pilotos quanto a latitude em que se achava Vera Cruz, sendo opinião de alguns estarem a 660 ou 670 leguas além das Canareas.

N. 5

A'cerca d'esta bulla e do assumpto, vêde Simão de Vasconcellos—*Chronica da Companhia de Jesus no Estado do Brazil*.

N. 6

Vide Carta de Vaz Caminha e *Historia do Brazil* de R. Southey.

N. 7

Affonso Lopes, piloto da náu capitanea segundo Vaz Caminha e a maioria dos historiadores, foi o official escolhido para ir n'um «esquife», que era como chamavam a um batel, sondar a costa.

N. 8

Voltando Affonso Lopes com a noticia de ter visto gente extranha na nova terra, mandou Alvares Cabral a Nicolau Coelho exploral-a com mais certesa, sendo este capitão o primeiro portuguez que pisou terras brasileiras.

N. 9

Valiosa Carta que é a base da nossa historia e cuja publicidade se deve ao emerito escriptor Manoel Ayres Casal, na sua *Geographia Brasileira*.

N. 10

Vide Caminha e R. Southey, obras citadas.

N. 11

A primeira supposição dos navegantes foi de ser uma ilha a nova terra descoberta.

Vide Caminha e Simão de Vasconcellos nas obras citadas.

N. 12

Sobre este assumpto consultae a obra de Simão de Vasconcellos, abundante de raciocinios que a acção de uma peça theatral não pode comportar.

N. 13

Vide Caminha, R. Southey e Pimentel—obras citadas.

N. 14

Diz Caminha: «Mandou o capitão aquelle degradado Affonso Ribeiro, que se fosse outra vez com elles o qual se foi e andou lá um bom pedaço e á tarde tornou-se que o fizeram elles vir e não o quizeram lá consentir e deram-lhe arcos e settas e não lhe tomaram nenhuma coisa do seu antes disse elle que lhe tomára um d'elles umas continhas amarellas que elle levaya e fugia com ellas e elle se queixou, e os outros foram logo

após elle e lh'as tomaram e tornaram-lh'as a dar e então mandaram-n'o vir.»

A esta hospitalidade dos indios corresponderam depois os exploradores do modo por que assim o escreve o padre S. de Vasconcellos:

...:«Os indios da America não eram verdadeiramente homens, que podia tomar-os para si qualquer que os houvesse e servir-se d'elles da mesma maneira que de um camello, de um boi, ou de um cavallo, feril-os, maltratal-os, matal-os... Testemunha Frei Bartholomeu, Bispo de Chiapa, que chegavam os hespanhoes a sustentar seus cães (lebreus) com a carne dos pobres indios, que para tal effeito matavam e faziam em postas, como a qualquer bruto do matto.»

N. 15

Vide Caminha e R. Southey, obras citadas.

N. 16

Não é phantasiada esta situação. Vide Caminha, R. Southey, Pinheiro Chagas, A. Pimentel e lembraes das palavras de J. de Barros tratando do embarque de Cabral.

N. 17

Os capitães da carreira da África e da India acha-

ram semelhantes as danças dos nossos índios com as danças africanas.

N. 18

Vide Vaz Caminha o que diz ácerca das índias e vêde como é engrandecida a graça d'essas aborígenes por Pedro Magalhães, no *Tratado da Terra Brasileira*.



QUARTO ACTO

N. 1

Na ultima noite que a esquadra pernolitara nas aguas de Porto Seguro, fugiram de bordo dois grumetes para terra. Vaz Caminha, escrevente de bordo, d'isso deu noticia na carta que escreveu a D. Manoel, pelo seguinte modo: «Creio, senhor, que com estes dois degradados que aqui ficam, ficam mais dois grumetes, que esta noite se sahiram d'esta náu no esquife em terra fugidos, os quaes não vieram mais e cremos que ficarão aqui, porque de manhã prezendo a Deus, fazemos d'aqui nossa partida.»

N. 2

Está justificada a maneira por que Isabel poude em viagem andar de uma para outra náu ou caravela, buscando encontrar o querido de sua alma, sabendo-se que ao partir de Lisboa tivera a frota ordem para diariamente mandarem os capitães receber informações da capitanea; que «cada dia pela manhã fossem fallar ao capitão-mór» diz Gaspar Corrêa.

Assim facil lhe seria metter-se na companhia dos esquifes e, no encontro que dos mareantes das náus e caravellas se dava a bordo da capitanea todos os dias, colher noticias d'aquelle que procurava e tendo-as, sob qualquer pretexto, passar-se de um para outro barco, tanto mais tendo captado a protecção da filha de Ayres Corrêa.

N. 3

Em tudo que hemos lido não encontramos o nome do desterrado que ficou fazendo companhia a Affonso Ribeiro.

Adoptamos o de João de Thomar, empregado por Alberto Pimentel, já para não inventarmos o nome de um personagem historico, e já em homenagem áquelle escriptor tão conhecedor da historia e com quem não nos constringe cahir em erro, se fôr um erro aquelle nome.

Damião de Góes diz, fallando do capitão-mor: «deixando alli dois degradados, de vinte que levava.»

Vaz Caminha, na carta citada, tambem se limita a dizer... «com estes dois degradados que aqui ficam...»

Lê-se tambem em Joseph Lourenço Domingues de Mendonça:

«Concluidas todas as disposições, deixados em terra dois dos degradados vindos na esquadra...»

E ainda em João de Barros:

«D'alguns degradados que iam na armada deixou Pedr'Alvares alli dois.»

N. 4

Os amores de Affonso Ribeiro sobreviveram aos tempos, muito especialmente pelas notas encontradas de uma freira do Convento da Madre de Deus, onde se lia:

«Anno de 1512, terceiro da nossa fundação. Hum dia depois do Natal feneceu de langor Elena Gonçalves natural de Lisbôa, filha de Thomé Gonçalves mestre de náu já fallecido que n'este nosso Convento da Madre de Deus em Emxobregas fez votos de religiosa por terem posto culpa de morte de homem á um criado de D. João Tello com quem esteve para casar, e, que foi condemnado a degredo para a India sendo elle innocente da fama que lhe pozeram. Foi virtuosa e esmoreceu em trez dias sem ir ao leito rezando e acabando...»

N. 5

Helena Gonçalves não se poupou a sacrificios para salvar da pena de morte a Affonso Ribeiro, chegando mesmo, segundo diz Pimentel, a fallar á rainha D. Leonor Telles.

N. 6

Varnhagem assim conclue:

«Os dois degradados ficaram na praia chorando sua infeliz sorte e acompanhando com os olhos as qui-
21

lhas patrias, até que ellas se haviam de todo sumido no horizonte...»

Quanto ao pensamento do auctor fazendo apparecer os indios n'esta scena e, como comprehendendo-a, tomarem parte na tristesa dos exilados, justifica-se: já pela amenidade com que o indio acolhia e buscava conviver com o europeu e já pelo que, fundado em Americo Vespucio, M. Gandavo e Ayres Casal, disse Gonçalves Dias:

«... emquanto partia a frota estes homens, (os selvagens) reputados insensíveis o ferozes além da ultima expressão, os rodeavam e consolavam, compadecidos da sua sorte.»



10.00

Liv. Brasileira
9-4-73
+ u. 6.00



TYPOGRAPHIA BAHIANA

DE

Cincento e Novecentos

Rua d'Alfandega n. 23

BAHIA



